



II Concurso de
**CONTOS,
HISTÓRIAS
E POESIAS**
da **ANFIP**

RESULTADO

FINAL



RESULTADO FINAL

II Concurso de Contos,
Histórias e Poesias da ANFIP

RESULTADO FINAL

II Concurso de Contos, Histórias e Poesias da ANFIP

DADOS DO CANDIDATO			DADOS DA OBRA				Nota Final
Nome Completo	UF Residência	Número de Inscrição	Codinome	Tipo	Título		
1	ZAITER GOMIDE CASTANHEIRA	MG	108	anual engraçado	historia	75 anos da ANFIP, trajetória de lutas em defesa dos AFRFB	43.89
2	JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES	MG	41	banana genuíno	conto	O mago da pedra oca	43.01
3	MARIA LISBOA MACEDO	MG	55	corpanzil ousado	conto	O professor	42.71
4	JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES	MG	36	jardineiro habilidoso	conto	Adeus, velho ano! Feliz, novo ano!	42.51
5	ANDRÉ AZEVEDO DA FONSECA	PR	138	roseira prudente	historia	A pasta do meu pai	42.47
6	JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES	MG	76	arvoredo livre	conto	A lua e o grande baobá mágico	42.43
7	DÉCIO BRUNO LOPES	MG	124	bolsa maravilhoso	historia	ANFIP – 75 anos de trabalho em defesa de seus associados, do estado brasileiro e da Previdência Social	41.51
8	WALTER DE CARVALHO PARENTE	CE	117	fogoso prestativo	conto	Ceifeiro de sonhos	41.36
9	PAULO MARCELO SOARES DA SILVA	PR	70	banana independente	conto	Rosa e a despedida	41.33
10	SHIRLEY BENTO DE SOUSA	RJ	94	açucarado preparado	historia	Ligações	40.36

1º Colocado

ZAITER GOMIDE CASTANHEIRA - MG

Codiname: **anual engraçado**

Tipo: **História**

Título: **75 ANOS DA ANFIP, TRAJETÓRIA DE LUTAS
EM DEFESA DOS AFRFB**

75 ANOS DA ANFIP

**TRAJETÓRIA DE LUTAS EM DEFESA DOS AUDITORES FISCAIS DA
RECEITA FEDERAL DO BRASIL**

Na cidade do Rio de Janeiro, em 22 de abril de 1950, foi fundada a “Associação dos Fiscais da Previdência Social”.

O Brasil vivia os resquícios das transformações, que moldaram a política e a economia no período pós-guerra. Em meio a um cenário de reconstrução global e um país em transição, os fiscais de diversos Institutos da Previdência, nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, enfrentavam um cotidiano marcado pela desvalorização, como também pela ausência de uma representação efetiva. Apesar de serem guardiões da arrecadação, que financiava o crescimento nacional, os auditores eram vistos mais como peças de uma engrenagem do que profissionais indispensáveis para o progresso.

Foi nesse cenário que um grupo de visionários decidiu transformar insatisfação em ação. Em uma sala modesta, nasceu a Associação. Não foi apenas uma entidade que se formou naquele momento, foi o início de uma jornada, que redefiniria os rumos da profissão e do sistema tributário no Brasil.

Os primeiros passos foram marcados por desafios gigantescos. Com recursos limitados e pouca adesão inicial, os fundadores precisaram convencer seus colegas de que a união era o único caminho para conquistar respeito e melhores condições de trabalho.

Era extremamente imperioso difundir a ideia de que os fiscais não eram apenas cobradores de impostos, e sim agentes da justiça social, profissionais responsáveis pelo equilíbrio fiscal de um país, proporcionando programas públicos essenciais, como a educação e a saúde.

A proposta era ousada, defender os direitos dos auditores fiscais e lutar por um sistema tributário mais justo e igualitário. Na prática, isso significava enfrentar poderosos interesses, que se beneficiavam das desigualdades do sistema.

Ao longo dos primeiros anos, a ANFIP tornou-se um refúgio para aqueles que acreditavam em um Brasil melhor. Reuniões regadas a cafezinhos e debates acalorados deram origem a propostas inovadoras, como a ideia de que a tributação deveria priorizar a capacidade contributiva. "Justiça fiscal é justiça social", tornou-se o lema da instituição.

Com o tempo, o movimento cresceu. Novos membros se juntaram à causa, trazendo ideias, força e mobilidade para enfrentar desafios cada vez maiores. E assim,

tijolo por tijolo, a ANFIP começou a erguer o edifício de sua relevância no cenário nacional.

Os primeiros anos foram marcados pela forja de sua identidade, como uma entidade de luta pela construção inequívoca de um movimento, que transcendia os interesses individuais de seus associados. Em meio ao cenário político e econômico turbulento, na segunda metade do século XX, a organização se consolidava como a principal defensora dos direitos dos auditores fiscais.

Era um tempo em que a consciência coletiva ganhava força, as condições de trabalho da categoria eram precárias. Os auditores enfrentavam jornadas extenuantes, recebiam baixos salários e sofriam com a falta de reconhecimento. Além disso, o governo, pressionado por dificuldades orçamentárias, frequentemente ignorava as reivindicações da classe, relegando os fiscais a um papel secundário no cenário administrativo.

A ANFIP começou organizando assembleias regionais, que reuniam auditores de diferentes partes do país, discutindo estratégias de resistência e avanço. Desses encontros, nasceram as primeiras grandes mobilizações. Uma das mais marcantes foi a luta pela reestruturação da carreira, que culminou em uma greve histórica.

Durante os meses de paralisação, a ANFIP liderou negociações intensas com o governo federal, utilizando de forma pioneira estudos técnicos para justificar suas demandas. Foram produzidos relatórios detalhados, comparando os salários e condições de trabalho dos auditores brasileiros com os de outros países. Esses documentos não apenas embasaram as reivindicações, mas mostraram à sociedade a relevância do trabalho da categoria.

Nesse período, a união dos auditores se mostrou um dos maiores triunfos. Os mais antigos recordam as cenas emblemáticas de fiscais ocupando espaços públicos, como o hall de entrada do Ministério da Fazenda, com cartazes e faixas que diziam: “Justiça fiscal é justiça social”. Os jornais da época cobriram amplamente as manifestações, dando à luta um alcance nacional.

Ao final da greve, um marco foi alcançado, a criação de um plano de carreira mais justo, que reconhecia a importância dos auditores fiscais como guardiões do erário. A vitória não foi apenas política, ela também alimentou o sentimento de pertencimento, além de ampliar a confiança da categoria na capacidade de transformar a realidade.

Essas primeiras conquistas fortaleceram a posição da ANFIP, como uma entidade sólida, comprometida e alinhada com os direitos dos auditores. Também foram fundamentais para firmar o princípio que guiaria sua trajetória: “Não há avanço sem lutas”. Essa premissa ecoaria ao longo de décadas, inspirando futuras batalhas por justiça e equidade.

O decênio de 1980 trouxe mudanças profundas para o Brasil, assim como para os servidores públicos. O país vivia um processo de redemocratização, as demandas sociais por justiça e equidade ganhavam força. Nesse cenário, a ANFIP encontrou novos desafios, mas também recentes oportunidades, para expandir sua atuação e consolidar sua relevância como entidade de classe.

O período foi marcado por uma intensa luta contra o congelamento salarial e pela defesa dos direitos adquiridos. Os auditores fiscais, que desempenhavam papel crucial na arrecadação, eram frequentemente pressionados por um governo que buscava austeridade em meio a uma inflação galopante. Era a ANFIP que organizava assembleias, mobilizações e negociações, para garantir que a categoria não fosse desvalorizada.

Em 1988, a promulgação da nova Constituição Federal trouxe uma vitória histórica. A ANFIP havia participado ativamente das discussões, culminando na inclusão de princípios fundamentais relacionados à Seguridade Social. Foi a partir da sua atuação que os pilares da saúde, previdência e assistência social ganharam forma no texto constitucional, beneficiando milhões de brasileiros.

O comprometimento da entidade com os interesses públicos não se restringiu à esfera legislativa. Internamente, investiu em sua estrutura organizacional, criando comissões temáticas e fortalecendo sua presença em estados estratégicos. Com isso, passou a representar os auditores fiscais, não apenas em Brasília, mas em todo o território nacional.

Um marco importante nesse período foi o trabalho conjunto com outras associações de classe, reforçando a união entre as categorias. O diálogo com movimentos sociais, sindicatos e lideranças políticas ampliou a relevância da associação, começando a ser vista não apenas como defensora dos direitos de uma classe, mas como uma força motriz na construção de um Brasil mais justo.

Ao final da década, a ANFIP era mais do que uma associação de classe. Era uma referência em ética, comprometimento e luta por direitos, refletindo o espírito resiliente de seus associados.

Com a entrada dos anos 1990, o Brasil passou por um período de intensas mudanças: econômicas, políticas e sociais. Era o início de uma nova era, marcada pela abertura econômica, privatizações e uma crescente discussão sobre reformas administrativas e previdenciárias. Nesse cenário turbulento, a ANFIP assumiu uma postura de resistência estratégica, defendendo tanto os direitos dos auditores fiscais quanto os pilares fundamentais do estado de bem-estar social.

Os ataques à previdência pública foram intensos. O discurso oficial buscava justificar cortes e mudanças profundas no sistema, como forma de equilibrar as contas públicas. Contudo, a ANFIP sabia que, por trás dessas medidas, havia interesses que ameaçavam a proteção social conquistada na Constituição de 1988.

A atuação da associação nesse período foi marcada por uma postura técnica e combativa, ao contrário de outros movimentos, que se limitavam a protestar. A ANFIP investiu na produção de estudos aprofundados, bem como em relatórios detalhados, desmentindo assim argumentos falaciosos que justificavam as reformas.

Esses documentos, elaborados por especialistas, se tornaram referência nacional, sendo usados por parlamentares, juristas e até mesmo pela imprensa.

A ANFIP organizou audiências públicas, pressionou deputados, senadores e mobilizou seus associados em campanhas nacionais.

Paralelamente à luta previdenciária, os auditores enfrentaram imensos desafios relacionados à sua própria atuação. Medidas para flexibilizar a arrecadação, introduzir terceirizações no setor tributário, colocaram em risco o trabalho qualificado e técnico da categoria. A ANFIP, mais uma vez, liderou a resistência, demonstrando como essas medidas poderiam comprometer a arrecadação, bem como o funcionamento do Estado.

Nesta época, houve grandes mobilizações. As marchas organizadas pela instituição em Brasília reuniram não apenas auditores fiscais, mas também outros setores da sociedade civil. Era um movimento além dos interesses da classe, defendia um Brasil mais justo e equilibrado.

Ao final da década de 1990, embora muitos desafios permanecessem, a ANFIP havia consolidado sua posição, como uma entidade que transcendia sua base

associativa. Era reconhecida nacionalmente como uma guardiã da justiça social e referência em ética e conhecimento técnico.

Com a chegada dos anos 2000, a associação encontrou-se diante de um cenário de profundas transformações tecnológicas e institucionais. A informatização crescente da Receita Federal, como também a digitalização de processos, trouxe novas oportunidades de trabalho, mas também introduziu desafios inéditos, exigindo de todos maior capacidade de adaptação e estratégia.

A nova tecnologia trouxe mudanças radicais na forma como os auditores fiscais exerciam suas funções. Ferramentas como o Sistema Público de Escrituração Digital (SPED) modernizaram os processos de fiscalização, reduziram a evasão fiscal, permitindo assim, maior rastreabilidade das operações tributárias.

A ANFIP percebeu que essa nova realidade exigia mais do que um ajuste técnico, era necessária uma mudança de mentalidade entre os próprios auditores. A entidade promoveu, então, cursos, workshops e treinamentos, para que os associados estivessem preparados para as novas exigências do cargo.

Propostas legislativas surgiram com o objetivo de enfraquecer a Receita Federal, reduzindo sua autonomia e sua capacidade de fiscalização. A ANFIP, com sua experiência acumulada, foi à linha de frente, destacando o papel fundamental do órgão, visando a sustentabilidade do país e a justiça fiscal.

Um dos marcos desse período foi a luta pela valorização do auditor fiscal, no contexto das transformações digitais. Apesar das inovações, a ANFIP reafirmava que o componente humano, com seu olhar crítico e ético, continuava indispensável para combater fraudes e garantir o cumprimento das leis tributárias.

No início dos anos 2000, um discurso cada vez mais recorrente defendia a redução do Estado e a privatização de serviços essenciais. A associação, coerente com sua missão histórica, posicionou-se firmemente contra essas ideias, destacando os riscos de desmonte do serviço público.

Ciente de que a luta pela justiça fiscal exigia o apoio de diversos setores, a ANFIP ampliou sua atuação buscando parcerias com organizações da sociedade civil, universidades e entidades internacionais. Esse esforço trouxe uma nova dimensão à entidade, que passou a ser reconhecida não apenas como uma defensora dos auditores fiscais, mas também como uma promotora de políticas públicas de qualidade.

Ao longo da década, a ANFIP consolidou-se como uma instituição moderna e dinâmica, capaz de enfrentar os desafios da era digital, sem abrir mão de seus valores históricos. Suas conquistas foram muitas, sempre reafirmando seu compromisso inabalável com a defesa do bem comum.

O início da década de 2010 marcou um dos períodos mais agitados. Foram intensos debates em torno das reformas previdenciárias propostas pelo governo. O discurso oficial prometia resolver déficits e modernizar o sistema, mas a ANFIP enxergava nas entrelinhas medidas que poderiam agravar as desigualdades sociais, enfraquecendo o sistema de proteção social brasileiro.

Desde os primeiros esboços da reforma, a entidade agiu rapidamente. Estudos técnicos foram realizados, apontando inconsistências nos dados apresentados pelo governo, desmistificando o alegado "rombo" da previdência social. A entidade produziu relatórios detalhados e acessíveis para explicar à população os impactos negativos das mudanças, principalmente para os trabalhadores mais pobres e vulneráveis.

Com esse material em mãos, a ANFIP liderou um movimento de mobilização nacional. Palestras, audiências públicas, entrevistas à mídia e campanhas nas redes sociais tornaram-se ferramentas fundamentais para levar a mensagem à sociedade e pressionar o Congresso Nacional.

Os associados também desempenharam papel crucial nessa luta. Como especialistas em previdência e tributação, muitos participaram diretamente das audiências e debates, trazendo credibilidade e conhecimento técnico às discussões. Eles não eram apenas servidores públicos, mas defensores de uma causa maior, a justiça social.

A batalha pela previdência foi marcada por veementes debates. Internamente, a ANFIP enfrentou críticas de setores que defendiam a reforma, além de procurarem desacreditar suas análises. Externamente, o desafio era mobilizar uma população desinformada e alheia à complexidade do tema.

Apesar disso, a entidade manteve-se firme, reforçando sua posição de que a reforma deveria respeitar os princípios da equidade, solidariedade e justiça social.

Um dos momentos mais emblemáticos desse período foi a grande marcha em Brasília, organizada pela ANFIP em parceria com outras entidades sindicais. Milhares de pessoas lotaram as ruas da capital, carregando faixas e cartazes que destacavam o papel fundamental da previdência pública para o equilíbrio social do país.

Embora algumas mudanças na previdência tenham sido aprovadas, a mobilização liderada pela ANFIP resultou em ajustes importantes no texto final da reforma, minimizando danos às populações mais vulneráveis.

Mais do que vitórias pontuais, esse período deixou um legado valioso, consolidou a imagem da ANFIP como uma entidade combativa, técnica e comprometida com o bem-estar coletivo. Além disso, reforçou a união entre os auditores fiscais, que compreenderam profundamente o impacto social de seu trabalho.

No final da década, a entidade sabia que a luta estava longe de acabar. A reforma havia sido um capítulo em uma batalha contínua pela manutenção dos direitos sociais, como também pelo fortalecimento do sistema tributário e previdenciário brasileiro.

Com a chegada do decênio 2020, o mundo enfrentou transformações rápidas e profundas. A pandemia da COVID-19, os avanços tecnológicos e as mudanças no comportamento social impactaram diretamente a forma como instituições e movimentos sociais se organizavam. Para a ANFIP, isso significava não apenas se adaptar, mas liderar essas mudanças, mantendo a luta pelos direitos dos auditores e pela justiça social no Brasil.

A entidade reconheceu cedo que o ambiente digital era essencial para ampliar sua voz. Redes sociais, sites interativos e aplicativos personalizados tornaram-se suas ferramentas principais para dialogar com seus associados e a sociedade.

Um marco importante foi o lançamento da ANFIP Digital, uma plataforma que centralizava informações, oferecia cursos de capacitação, bem como permitia a interação em tempo real dos associados. A ferramenta foi um sucesso, atraindo uma nova geração de auditores fiscais, que já viviam conectados ao mundo online.

Durante a crise da saúde global, a ANFIP intensificou sua atuação, especialmente diante das tentativas de precarização do serviço público. O discurso de austeridade voltou a ganhar força, colocando os servidores públicos no centro das críticas.

Para combater essa narrativa, a ANFIP organizou seminários online, divulgando diversos estudos, além de demonstrar a importância do trabalho dos auditores no momento da crise. A arrecadação tributária, por exemplo, foi crucial para financiar programas de auxílio emergencial.

Com a evolução tecnológica, o trabalho do auditor fiscal mudou radicalmente. A associação percebeu que era necessário investir na formação de seus associados, para lidar com sistemas cada vez mais automatizados e complexos. Parcerias com universidades e instituições de ensino resultaram em uma série de capacitações sobre análise de dados, inteligência artificial e tributação digital.

Ao mesmo tempo, a entidade reforçou a importância do lado humano, promovendo debates sobre ética, responsabilidade social e o impacto de suas ações na sociedade.

Mesmo em um mundo cada vez mais digital, a ANFIP nunca perdeu de vista a importância do contato humano. Durante a pandemia, membros da entidade realizaram ações solidárias, como a distribuição de alimentos e apoio psicológico a trabalhadores vulneráveis. Essas iniciativas reforçaram o vínculo da entidade com a sociedade, demonstrando assim que sua luta ia além dos gabinetes e das planilhas.

Até o final de 2024, a ANFIP estava mais preparada do que nunca para enfrentar os desafios futuros. Adaptada às novas tecnologias, profundamente conectada às demandas da sociedade, a entidade segue firme em seu propósito, o de promover justiça fiscal, defender os direitos dos auditores e fortalecer o serviço público brasileiro.

Em 75 anos de existência, a ANFIP construiu um legado que transcende as lutas tributárias. Ela tornou-se um símbolo da resistência, ética e compromisso com a sociedade brasileira. No entanto, mais do que celebrar seu passado, a entidade se preocupa em construir um futuro ainda mais sólido, fundamentado nos valores que a guiaram desde sua criação.

2º Colocado

JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES - MG

Codínome: **banana genuíno**

Tipo: **Conto**

Título: **O MAGO DA PEDRA OCA**

O Mago da Pedra Oca

Contavam-se muitas histórias daquele lugar. Uma delas dizia que naqueles confins de Minas, há muitos anos, um mago ali teria se escondido.

Os tempos passaram. Agora, jovens entusiasmados desciam pela estrada de terra que iria dar na sede do sítio de Zé Romão. De longe já dava para avistar a fumaça saindo pela chaminé da casa situada bem mais abaixo.

Mas, lá em cima, um pequeno fio de água, ano após ano, se inserindo entre falhas de pedras, havia escavado um furo, de fora a fora, em uma rocha calcária em seu caminho. Outras fontes d'água ali se agruparam, descendo juntas pelo túnel criado, formando um ribeirão nas terras do sítio. E foi devido àquela rocha, com sua perfuração diferenciada, o nome peculiar dado à cidade: **Pedra Oca**. Na sede da propriedade, cercada e com porteiras, havia um pequeno curral; diversas vacas ali por perto se fartavam de capim succulento.

Nhá Zica se apressava no fogão de lenha, preparando aquele arroz especial, feijão gordo com pedaços de toucinho defumado, temperados com alho, cebola e cebolinha picada. O angu de fubá de milho, estava fumegando. Em outra panela, o franguinho caipira com aquela cor dourada, de molho encorpado, quase chegando. O quiabo, colhido na horta, estava pronto. Os garotos foram se achegando; diversos netos do casal de sitiantes, e mais outros amigos também. De quando em quando eles iam até ao sítio se empanturrar das guloseimas, andar a cavalo, pescar lambaris no córrego.

Diversas maravilhas culinárias surpreendiam quaisquer paladares, dentre geleias e doces em potes de vidros, tornando difícil decidir qual provar. Delícias de figo, goiaba, doce de leite, dentre tantos. O queijo Minas, ali esperando para fazer parte daquelas iguarias. Em latas, biscoitos de polvilho, pães de queijo e outras quitandas, sempre ao alcance dos vorazes jovens.

Vô Romão e Sinhá Zica adoravam essas visitas. A casa se enchia, os jovens se ajeitavam como podiam e passavam ali um, dois e até três dias. Era uma festa arriar os cavalos, ajudar tirar o leite das vacas, tomar daquele leite tirado na hora com chocolate e açúcar. Colher goiabas, jabuticabas e mexericas no pé, era

como *congelar numa fatia de tempo, um paraíso só de coisas boas*. Se haviam lembranças ruins do dia a dia, lá elas não existiam mais.

Assim o dia ia passando; mais tarde, estavam eles ali sentados na simples, mas espaçosa cozinha, com as brasas do fogo ainda crepitando na fomalha do fogão, aquecendo aquele anoitecer. E uma garoa fina, vinda lá do alto da pedra oca, trouxe um ar gélido que o vento cismou em soprar para dentro da casa. Sinhá Zica resolveu servir um leite morno em tigelas, com farinha de milho, açúcar e canela a gosto. Enquanto isso, aguardavam pelas histórias de Romão e, elas, quando começavam, iam noite adentro, com seu modo manhoso de contar. A rapaziada esperava ansiosa o desfecho, mas este não vinha assim, tão de repente. Era uma parte do conto, umas colheradas do leite com farinha e canela; depois, outra parte da história, um suspense daqui e dali, e o enredo não terminava, até que os garotos tinham sono.

Mas um desses contos, era o preferido deles: o do ***Mago da Pedra Oca***. Aí os olhares se voltavam como lanternas acesas para o velho sitiante. Ele pigarreava aqui e ali e então começava:

- Lá na cidade, diziam que ele era um mágico...
- Fale mais vô Romão. Como ele era? Perguntou Paulinho, um dos netos.
- Diziam que era magro, alto, com uma barbicha rala. Seu andar era leve... Parecia flutuar, ao invés de andar. Trazia no semblante um olhar sereno, desses que desarmam sentimentos de medo, ira, desesperança.
- Mas como era isso, vô? Perguntou Janaína, uma das netas.
- Não se sabe. Mas diziam que um grande manancial de energia exalava de seu interior; seus olhos penetravam como cristais puros as mentes das pessoas, levando ondas de harmonia que envolviam aqueles por perto.
- Mas onde ele morava, vovô? Perguntou outro neto.
- Não sei dizer ao certo. Alguns diziam que não era desse planeta, que teria vindo de outros mundos. Ninguém sabia de onde, mas ele sempre aparecia na cidade. Diziam que morava *aqui por perto, naquela época*, numa gruta que deveria existir debaixo da pedra oca. Mas ninguém nunca esteve lá.

Os meninos arregalaram os olhos. A inquietação, o sonho de uma aventura, a vontade de descobrir, assanhava o imaginário de todos eles.

- Mas você o conheceu, vovô? Era mesmo mágico? Perguntaram.

- Não, mas muitos o conheceram. Foram eles que me contaram sobre este ser diferenciado. Se era mágico, realmente não sei. Diziam que era!!

- Desta vez podemos tentar descobrir a tal gruta? Interveio outro.

- Amanhã, de manhã, vou levá-los até lá. Nunca descí abaixo daquela pedra, mas tem uma trilha ao lado, hoje encoberta de mato, que parece levar até ela. Mas o trajeto é longo. Pode ser perigoso. Vou chamar seu Bentinho e o Zequinha para nos acompanhar.

- Combinado! Vó Zica, convide também Da. Filó das Cartas. Disse Paulinho.

- Da. Filó? Dizem que ela é vidente. Bem pensado! Pode ajudar a localizar a gruta. Mas agora vamos dormir, que já está tarde. Finalizou Zé Romão.

No outro dia cedo, com alguns embornais cheios de mantimentos, água e café, partiram para a jornada. Para a rapaziada aquela seria uma de suas mais intrigantes e emocionantes aventuras. O tempo estava bom, o sol ameno, o vento soprava uma mistura de ar com cheiro de terra molhada pela garoa da noite.

Começaram a descer pela trilha. Seu Bentinho e Zequinha iam na frente, logo acompanhados por vô Romão. Com um facão e uma foice iam cortando galhos, abrindo caminho. A rapaziada ia logo atrás, juntos com Nhá Zica e dona Filó das Cartas. Pararam numa área descampada para tomar um café e traçar os rumos a seguir. Havia uma bifurcação na trilha. Alguns achavam que era para direita, outros que para esquerda. Dona Filó disse ver claramente o caminho a seguir: *o da direita!!* Assim foram.

A trilha contornava a pedra oca, descia, estabilizava num relevo mais plano, voltava a se inclinar novamente. Finalmente chegaram a uma nascente de água com leito de areia branca; a água cristalina, em seu curso, apontava para uma entrada recoberta de vegetação e desaparecia. Os sitiante trataram de limpar aquela vegetação. Destampou-se então, à frente de todos, a entrada da gruta.

Em princípio parecia pequena, mas à medida que iam caminhando, ficaram perplexos. Maravilhado, alguém disse:

- Vejam só o tamanho dessa caverna!! É enorme! Diversas estalactites e estalagmites. A água vinda lá de cima, pinga dia após dia, trazendo gotas de calcário criando essas formações maravilhosas.

Mais à frente, a caverna se abriu como um palco grande e arredondado. Ninguém se aventurava a dizer mais nada. Todos entenderam, ao mesmo tempo, *que ali havia sido a morada do Mago*. Se organizaram num grande círculo, os olhos observando em volta, ora para o alto, ora para a água sob seus pés. De cima, uma abertura trouxe consigo os raios do sol para dentro da caverna. Neste momento, cristais incrustados em suas paredes refletiram a luz solar iluminando todo o local, dando a sensação de que todos estivessem fora da gruta. Uma benção desceu sobre eles trazendo um sentimento de gratidão indescritível.

Repentinamente, um fecho de luz moveu-se para o fundo, iluminando uma formação rochosa mais elevada, de topo plano, como uma mesa. Alguém disse entusiasmado:

- Vejam, tem um livro grande sobre ela!!! Parece um diário! Será o diário do Mago? Vamos abri-lo! Será que ainda está preservado, legível?

- Está dividido em capítulos. O primeiro dedicado à paz: *“Desarmai os vossos corações, preenchendo vossas almas com o amor à humanidade. Somos todos irmãos”*. Leu dona Filó, encantada com a descoberta.

- Vejam esta, sobre o meio ambiente: *“Não temos um plano B. Este é o nosso planeta, nosso lar neste universo. Não há outra opção a não ser preservá-lo para garantir a nossa sobrevivência enquanto espécie”*. Leu comovido, seu Zé Romão.

- Nossa, são inúmeras mensagens. Foram escritas para ajudar a iluminar a humanidade em sua trajetória na Terra. Parecem reforçar e atualizar os ensinamentos dos grandes mestres. É uma joia rica em detalhes. Temos que fazê-la chegar às pessoas. Disse seu Bentinho.

Uma revoada de pássaros de várias espécies adentrou pela gruta, cantando e se esbaldando nas fontes puras de água do local. Então, todos elevaram os olhos para cima agradecendo a Deus.

O livro foi levado para a cidade. Por todos os lados as mensagens foram divulgadas. Para muitos, *elas sequer tocariam suas mentes, quanto mais seus corações*. Entretanto, aquele grupo, iria levar consigo sempre a sensação de terem estado juntos no local onde *viveu uma lenda*, da qual sempre ouviram falar e, ainda, sentiram na alma a energia daqueles ensinamentos.

Às vezes, um acontecimento marca para sempre a vida das pessoas. Aquele tinha sido um deles. *Aprender faz parte de nossa trajetória enquanto “seres humanos”*. Sempre foi assim. Quem sabe isso, hoje, seja mais urgente que antes?

3º Colocado

MARIA LISBOA MACEDO - MG

Codiname: **corpanzil ousado**

Tipo: **Conto**

Título: **O PROFESSOR**

O PROFESSOR

Juliano morava numa cidade do interior com seus pais e dois irmãos mais novos que ele: Jane, com 10 anos e Jessé, com 12 anos. Como irmão mais velho, sentia-se na obrigação de ajudá-los, tanto nas tarefas escolares, quanto levando e buscando na escola. Estava sempre pronto a colaborar com seus pais, ajudando-os em tudo que pudesse.

Era um adolescente que apreciava demais a natureza: os animais, as flores. Admirava os astros e pensava em ser astrônomo, para sentir o que eles representam para a vida dos seres.

Nas noites de verão, ele gostava muito de se reunir na varanda com a família e se encantava quando a lua cheia aparecia exuberante e linda e ficava querendo contar as estrelas.

Morava perto de uma praça muito agradável, arborizada e com jardins bem cuidados, onde às tardes de sábados, domingos e feriados, ficava cheia de adultos e crianças. De vez em quando, ele ficava lá, sentado nos banquinhos e debaixo das árvores lendo, o que ele gostava muito.

Uma tarde de domingo, estava bastante quente e ele resolveu levar um livro para ler na praça. Que sorte! Tinha um banco vazio, debaixo de uma frondosa árvore.

De vez em quando, levantava os olhos do livro, para assimilar o que lera. Sempre fazia isto e sabia que, assim, a leitura era mais frutífera.

Uma tarde, como de costume, tinha acabado de ler um capítulo do livro e o fechou, porque agora iria apreciar o movimento. Nisso, viu um senhor idoso,

caminhando lentamente, apoiado numa bengala, bem à sua frente. Juliano se levantou e foi até ele e o convidou para se sentar um pouco ao seu lado.

O senhor, admirado pelo convite do jovem, aceitou-o. Logo, Juliano perguntou qual era o seu nome.

– Emílio, disse o senhor. – E o seu? - Eu me chamo Juliano e moro bem pertinho daqui. E o senhor, onde mora?

O senhor Emílio, que gostava muito de conversar, começou a contar um pouco de sua vida, notando que podia confiar nesse rapaz.

- Meu filho, moro aqui neste bairro e minha casa não fica muito longe. Gosto de fazer caminhada, às vezes pela manhã, às vezes à tarde. Perdi minha esposa há quatro anos e desde então, resolvi morar sozinho. Nunca tivemos filhos e por isso, não tenho netos. Tenho apenas um sobrinho da minha esposa que mora no exterior e de vez em quando, manda notícias e raramente vem me visitar. Mas eu compreendo, porque é muito caro o deslocamento para o Brasil.

- Em compensação, tenho bons vizinhos e, graças a Deus, apesar de já ter 80 anos de idade, minha mente é bem ativa.

- Fui professor de matemática durante muitos anos, tendo me aposentado aos 55 anos de idade. Gostava muito do contato com os jovens que me faziam ficar mais animado e mais feliz.

-Faço compras e preparo minhas refeições, cuido da minha casa e do meu jardim, sozinho. Tenho uma faxineira que vai de quinze em quinze dias fazer uma limpeza geral e também em quinzenas alternadas com a faxineira, uma pessoa que cuida da minha roupa.

- Pela sua aparência e pela prosa, vejo que o senhor realmente é uma pessoa muito ativa. – O senhor tem saudades de sua juventude?

- Meu filho, a vida é como se fosse um grande livro, que escrevemos diariamente nossas vivências: o que fazemos de bom, o que pensamos, o que realizamos e o que podemos ensinar aos demais e não ser um problema para o próximo, aprendendo a ser grato a Deus e a tudo que nos rodeia. Dava minhas aulas com muita dedicação, amor e com o anelo de ajudar meus alunos e em cada dia sentia uma emoção diferente. Não conto minha vida em número de anos e sim em atividades, bem-estar e sempre penso no próximo.

Juliano estava atento e emocionado com o que o senhor Emílio lhe dizia.

E o professor continuou:

- Nunca critiquei a conduta do outro, porque todos nós temos defeitos que nem conhecemos. E temos muitas virtudes também e se não as temos devemos criá-las. Por isso, meu caro jovem, a vida para mim é uma dádiva e procuro vivê-la plenamente com alegria, mesmo tendo, às vezes, algumas dificuldades.

- Senhor Emílio, diz Juliano: - agradeço de coração e até emocionado, as suas palavras que me tocaram fundo e pretendo seguir seu exemplo.

- Meu jovem, fiquei também muito feliz em tê-lo aqui comigo, me ouvindo, mas agora, preciso ir; está ficando tarde e eu gosto de dormir cedo.

- Eu vou com o senhor, porque aprendo onde é o caminho de sua casa.

- Meu filho, não tenha esse trabalho, tenho costume de andar sozinho.

Porém, Juliano insistiu, dizendo que era um grande prazer desfrutar mais um pouco de sua companhia. Antes, trocaram o número dos seus telefones para se comunicarem.

Realmente, a casa do senhor Emílio não era longe e logo chegaram. Era uma casa simples, porém bem localizada e com vizinhos dos dois lados.

Juliano não quis aceitar o convite para entrar e prometeu voltar para visitá-lo a qualquer dia. Foi embora muito feliz pela maravilhosa tarde vivida ao lado de uma pessoa tão especial.

Chegando em casa, cujos pais já estavam estranhando a demora, contou-lhes o ocorrido, que os deixaram também emocionados.

No fim de semana seguinte, Juliano ligou para o senhor Emílio e lhe perguntou se poderia visitá-lo no sábado à tarde.

O senhor Emílio ficou muito alegre e disse que o receberia com imenso prazer.

A mãe de Juliano tinha feito um bolo grande de laranja e separou uma parte para o filho levar para ele, que ficou muito feliz com a visita e com a delicadeza do presente.

Tinha na casa uma varanda acolhedora onde seu Emílio gostava de ler seus livros e revistas. Ele convidou Juliano para ir para lá e logo voltou para trazer o bolo, pratinhos, xícaras e talheres. – Aqui, Juliano, fiz o café há poucos minutos.

A conversa estava muito agradável e o senhor Emílio começou a recordar um pouco de sua infância, de um jeito muito agradável de contar. Começou dizendo como foi sua vida ao lado de seus pais e irmãos. O pai trabalhava numa lavoura que fornecia os alimentos necessários para o sustento da família, sobrando uma quantidade boa para vender e nós, filhos, o ajudávamos nessa tarefa. Meu pai não abria mão da educação dos filhos. Eu estudava à tarde, tendo todas as manhãs para vender os produtos ou ajudar na lavoura. Era uma casa modesta, sem luxo, mas cheia de amor e carinho, o que alimenta a alma.

Continuou o senhor Emílio e o Juliano muito atento ao que dizia. – Após concluído o primário, tinha que ir a cavalo na cidade próxima para fazer o curso ginásial, como era chamado na época. Depois de algum tempo, meu pai conseguiu

carona para mim, com um amigo que levava seus dois filhos de carro, para a mesma escola.

- Continuei lá, até me formar no antigo curso científico. Como adorava estudar, não quis parar. Nessa cidade só havia os cursos de letras, matemática, geografia e história. Minha opção foi a de licenciatura em matemática, cuja matéria muito me atraía.

- Lá conheci uma estudante de letras e que tinha como projeto, ser professora de português. Durante os intervalos e na saída conversávamos um pouco e eu fui me sentindo atraído por ela; era delicada, inteligente, discreta, virtudes que almejava para formar um lar.

- Começamos a sair nos finais de semana e feriados e o interesse de ambas as partes foi crescendo e resolvemos então iniciar o namoro. Fomos bem acolhidos por ambas as famílias. Tanto ela como eu íamos nos formar no ano seguinte. Após a formatura, decidimos nos casar. O interessante é que os pais dela moravam na mesma cidade em que a minha família morava.

-Depois do casamento fomos, eu e ela, chamados para dar aula numa cidade grande, não muito longe de onde os pais dela viviam. Resolvemos que deveríamos ir para garantir um bom futuro para nós. Continuamos ambos a ajudar financeiramente nossos pais.

Juliano ouviu tudo, maravilhado com esse amigo tão especial. Na saída, Juliano lhe disse que seus pais o estavam convidando para um almoço na casa deles, pois estavam curiosos para conhecê-lo.

No dia do almoço o Sr. Júlio, pai de Juliano, foi com ele, de carro, buscar o Sr. Emílio.

O almoço foi só de alegria. Dona Dalva e o senhor Júlio eram muito amáveis, bem como os três filhos, Juliano, Jessé e Jane. Gostaram muito do senhor Emílio

que lhes contou casos muito divertidos. Na saída, ficou a promessa de que voltaria em breve, mas gostaria também que eles fossem lhe fazer uma visita. Preferiu voltar caminhando, mas o Juliano fez questão de acompanhá-lo.

A amizade entre todos estava ficando cada vez mais sólida e eram muitos os momentos de alegria que desfrutavam. E assim se passaram alguns meses.

Um dia, pela manhã, a vizinha do Sr. Emílio ligou para o Juliano e disse que estava preocupada, porque até aquela hora ele não tinha aberto as janelas como fazia todas as manhãs e que ela já havia batido à porta e janela e nenhum barulho.

– Você tem a chave da casa dele? Ela perguntou.

– Não, não tenho, mas já vou levar comigo o chaveiro.

Avisou ao seu pai que, imediatamente pegou o carro e em poucos minutos chegaram à casa do Sr. Emílio. Juliano também bateu à porta e falou:

- Seu Emílio, é o Juliano. Pode abrir?

Nenhuma resposta. Ele foi até à janela ao lado e pela fresta viu que ele estava deitado.

O Juliano então pediu ao chaveiro para abrir a porta e fazer outra chave. Quando entraram, seu Emílio estava quietinho, com os olhos fechados. Assustou-se quando viu os dois ao seu lado e disse que estava com muita dor no estômago e desânimo para se levantar. O senhor Júlio o achou muito pálido e lhe disse que o levariam ao Hospital para se medicar. Mas, por precaução resolveu chamar uma ambulância para levá-lo. Logo a ambulância chegou. A vizinha pediu para darem notícias. O senhor Júlio foi de carro e o Juliano de ambulância.

Chegando ao Hospital o senhor Emílio foi atendido na urgência, colocado no soro e o médico, muito simpático, disse que logo faria alguns exames para o diagnóstico. Não demorou muito, o médico o levou para exames de sangue e

tomografia. E disse que ele deveria ficar no Hospital, em observação, e para tomar soro para se hidratar e fortalecer. Como era um sábado, Juliano disse ao pai que ficaria com ele e dormiria lá também.

No outro dia, à tarde, o médico veio com o resultado e como o Sr. Emílio estava sonolento, ele chamou o Juliano para a saleta para conversarem. O médico disse que foi constatado um tumor canceroso em seu estômago, em estágio já avançado. A notícia boa era que ele estava apto para a cirurgia. Tentariam remover o tumor.

Na segunda-feira, marcada para a cirurgia, o Sr. Júlio chegou cedo ao hospital. O Juliano também queria ir, mas seu pai o aconselhou a não perder a aula. Poderia ir depois da cirurgia.

Quando Juliano veio à tarde com sua mãe, feliz por saber que a cirurgia foi um sucesso, pois conseguiram tirar todo o tumor e não havia metástase. O Sr. Emílio ficou muito alegre, não só pelo resultado da cirurgia, mas também por estar perto de pessoas tão queridas, como se fossem da família de sangue. Cinco dias depois, teve alta hospitalar. O médico prescreveu, além dos medicamentos, cuidados com a alimentação.

Foram para casa muito felizes e o Sr. Emílio quis passar na casa dele, o que não foi recomendado por todos. Prometeram levá-lo lá, assim que melhorasse.

Os dias foram passando e o Sr. Emílio teve uma excelente recuperação. Engordou um pouco, estava corado e já saía para as caminhadas, mas sempre acompanhado de alguém da família do Juliano.

Um dia, quando caminhava com o Juliano, ele quis passar no Cartório e disse a ele, que precisava resolver um problema lá, um pouco demorado e que o chamaria assim que terminasse.

Meses foram passando e era hora de comemorar seus 85 anos. Dona Dalva se dispôs a realizar uma grande festa. Convidou seus amigos, vizinhos e parentes dela, para também participarem da comemoração. Como Juliano ficou conhecendo alguns ex-alunos do Sr. Emílio, os convidou também. Tudo na surdina.

Chegou o dia e foi feito um café da manhã caprichado. Então o Sr. Júlio lhe disse que à tardinha jantariam fora. No final da tarde, o Sr. Emílio se aprontou, pôs um terno e ficou aguardando todos para irem ao restaurante. Daí a pouco, foram chegando seus vizinhos, amigos, ex-alunos o que o fez ficar bastante emocionado. Enquanto isso, Dona Dalva e Jane estavam na copa e cozinha, cuidando de arrumar a mesa para a comemoração, enquanto os outros cuidavam da recepção aos convidados.

Já todos na copa, o Juliano falou da grande oportunidade que teve de conhecer o Sr. Emílio e o tinha como seu avô. Estava aprendendo muito com ele e o agradeceu por estarem juntos. Alguns falaram também e foi muita emoção. Seu Emílio quase não conseguiu falar. Foi uma felicidade imensa. Às 21 horas, todos foram embora e dona Dalva disse ao senhor Emílio para ir se deitar.

Uns seis meses depois, ela notou que ele não queria se alimentar e estava perdendo peso. Falou para seu esposo que deveriam observar mais e mudar a sua alimentação para ver se melhorava seu apetite. Mais ou menos quinze dias depois, observaram que ele tinha emagrecido mais e estava bem pálido. Convenceram-no a ir ao médico fazer novos exames, ao que ele, mesmo relutante, foi com o Sr. Júlio ao Hospital, ficando em observação. No dia seguinte, o médico ligou de volta, dizendo que um novo tumor surgira, agora no pâncreas e era bem mais agressivo e não era operável, mas que faria tudo para que ele não sofresse e que ficaria mais três dias no hospital para se hidratar. Ele deveria ter uma vida bem tranquila, feliz e que ao primeiro sinal de piora, voltassem com ele para o Hospital.

O carinho com ele foi redobrado. Assistiam filmes juntos, faziam comidas leves, mais saborosas, fazendo tudo para deixá-lo feliz. Mas, dois meses depois, ele piorou bastante e teve que voltar ao hospital. Desta vez, o câncer evoluiu muito e nada mais podiam fazer, a não ser os cuidados paliativos para aliviar as dores.

Todos sentiram muito por ele e sempre tinha alguém ao seu lado. Não o deixavam sozinho. Uma tarde, o Sr. Júlio, que estava ao seu lado, sentiu e foi avisado ,pelo médico que era questão de horas o passamento dele. O Sr. Júlio avisou a toda a família e que se pudessem deveriam estar com ele até o seu final. Meia hora depois, estavam todos ao redor do leito do Sr. Emílio. Juliano estava muito triste, segurando sua mão. Depois que todos estavam lá, ele, com voz quase inaudível disse que Deus tinha sido muito bom para ele, dando-lhe uma família tão carinhosa, tão especial e que era muito grato a todos e, olhando um a um, com um sorriso nos lábios, virou a cabeça para o lado e se foi. O Sr. Júlio saiu para chamar o médico para atestar o óbito.. A comoção foi muito grande, mas contida.

Amigos e vizinhos foram ao seu funeral, tudo organizado pelo Sr. Júlio.

Oito dias depois uma funcionária do Cartório ligou para o Sr. Júlio, pedindo-lhe para comparecer no dia informado, com a esposa e filhos,todos levando identidade. Seu Júlio ficou curioso, mas todos os cinco compareceram ao Cartório. Lá chegando, o escrivão os conduziu para uma sala, fechando a porta.

Começou dizendo que o Sr. Emílio havia deixado um documento para que fosse lido para todos. Favor ficarem de pé. Era um testamento que ele deixou, doando todos os seus bens para a família e os especificando. Disse também que seu final de vida foi maravilhoso e feliz por ter sido acolhido por essa família, com muito carinho e amor, tornando-se um membro dela.. Desejou a todos muitas e muitas felicidades e saúde e que eles eram um grande exemplo de bondade e solidariedade e que são atitudes assim que fazem um mundo melhor.

A emoção tomou conta de todos, que assinaram os papéis, chorando. Até o escrivão fez coro a eles. Saíram todos abraçados e com muitas lágrimas nos olhos. Agora eram só saudades!

4º Colocado

JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES - MG

Codiname: **jardineiro habilidoso**

Tipo: **Conto**

Título: **ADEUS, VELHO ANO! FELIZ, NOVO ANO!**

Adeus, Velho Ano! Feliz, Novo Ano!

O garoto saiu a caminhar naquele dia, mas com os pensamentos um tanto quanto embaralhados em sua mente, desiludido um pouco com as coisas, as pessoas. Nem percebeu quando adentrou pela mata e displicente com o trajeto, perdido em seus pensamentos, de repente, se encontrou numa parte da mata desconhecida. Era hora de voltar, mas aí, quando deu por si, percebeu que tudo parecia igual: as mesmas árvores, a mesma vegetação rasteira, até quando se abria um pequeno descampado. Tentava um caminho, mas não encontrava a saída; ia por outro, mas descobria que não era por onde havia vindo. Começou a sentir medo, a andar mais depressa, a se desesperar. Tropeçou, caiu, chorou, gritou, mas ninguém o ouvia. Compreendeu então: estava perdido naquela mata.

Cansado, esgotado, com sede e fome, caído no chão, voltou a chorar. Passado algum tempo, como por uma intuição, olhou em volta, percebeu então a uns trinta metros dali um ruído de água corrente. Afoito, levantou-se e foi em direção àquele som milagroso. Era uma mina d'água que, aflorando da terra, em meio à vegetação, formava um pequeno curso de água pura, cristalina. Com as mãos mesmo, saciou sua sede. Molhou o rosto, o cabelo, procurando refrescar-se ao máximo. Agora, mais calmo, pode observar, ali por perto, uma gruta numa formação rochosa que, embora envolta em vegetação, sua entrada parecia limpa, desobstruída. Com certo receio ainda, achegou-se perto da entrada, observou lá dentro; seu interior parecia maior que imaginara. Bem, as horas já estavam avançando rapidamente, o entardecer já estava perto de seu ocaso; logo seria noite, pensou. Compreendeu, então, que aquele local se tratava de um bom esconderijo para passar a noite.

Adentrou pela gruta e viu lá no fundo, sobre uma saliência de rocha, uma caixa. Tratou de examiná-la com entusiasmo. Havia dentro um cobertor, uma caixa de fósforos, uma pequena almofada, uma caneca, uma garrafa plástica, dentre outras poucas coisas. Como a caixa estivera tampada, os objetos não estavam muito sujos, ainda que um pouco empoeirados. Tratou de sacudi-los; procurou algumas pedras em torno da pequena caverna; fez com elas um círculo. Providenciou alguns gravetos secos e colocou-os no interior do círculo de pedras. Assim, logo já tinha uma pequena fogueira.

Pensou consigo mesmo:

- Bom, agora, frio não vou passar. Como já escureceu, a fogueira iluminou a gruta. Isso vai espantar os mosquitos, me aquecer e deve me proteger de algum animal perigoso que queira entrar aqui. Papai sempre me dizia que o fogo os espanta. Foi uma benção ter encontrado essa caixa com esses utensílios. Alguma boa alma já deve ter-se perdido também por aqui e deixou tais apetrechos para salvar a vida de outros - com quem porventura tenha acontecido a mesma coisa, como eu, agora.

Jonathas havia recolhido um pouco de água da mina; também folhas de uma planta conhecida, que sua mãe sempre utilizava para fazer chá e algumas goiabas maduras; tudo isso antes de ter anoitecido completamente. Ah, sim! O nome do garoto era Jonathas. Havia-me esquecido de citar isso. Então, ferveu algumas daquelas folhas, fez um pouco de chá e, embora mesmo sem doce, sorveu o precioso líquido para se sentir aquecido. Comeu das frutas, assentou-se próximo àquela fogueira rodeada de pedras, enrolou-se no cobertor, deitando sua cabeça sobre a almofada. Não estava com sede, a fome tinha-se aplacado um pouco, o fogo esquentara o interior do esconderijo, o chá quente aquecera seu organismo.

Lembrou-se, então, que era véspera de **Ano Novo**: ele ali, sozinho, perdido, longe dos pais e irmãos; ainda chorou um pouco. Mesmo com medo, mergulhado em pensamentos um tanto sombrios, cansado, adormeceu. Então, sua mente agitada com os acontecimentos daquele dia trágico, começou a viajar no tempo e no espaço. Sonhos confusos vieram, aos borbotões. De repente, um sonho estranho, como se fosse um filme, se desenrolou em sua mente adormecida. Nele, havia dois senhores conversando: um bem novo, outro aparentando ser bem mais velho. A história era mais ou menos assim:

- Seja bem-vindo, 2022. Não via a hora de você aparecer, nascer! Estava inquieto para terminar meu reinado. Ô ano difícil foi esse! Estou em frangalhos, como dizem por aí: “estou só o pó!”

- Olá, 2021, muito prazer em conhecê-lo! Também estava impaciente para nascer, assumir meu mandato. Agora, me diga: por que escolheu esta gruta,

para trocarmos de turno, onde se encontra esse pequeno jovem, aparentemente perdido, adormecido, próximo a esta fogueira, nesta pequena caverna?

- Bom, Ano Novo, depois te falo sobre isso. Sabe, no início de 2021, quando substitui o 2020, eu cheguei como você, entusiasmado, afoito para assumir meu trabalho. Também encontrei o parceiro que iria substituir em péssimo estado; mas, acho que, agora, eu fiquei ainda mais acabado que ele. É isso tudo em apenas um ano de trabalho; *você sabe que é o nosso tempo de vida, né?*

- Sim, sei disso! Sou recém-nascido, mas isso já vem inscrito no nosso roteiro existencial. Bom, mas falando nisso, já que você mesmo tocou no assunto, me desculpe, mas realmente você me parece um tanto quanto desgastado. Esperava encontrá-lo bem mais disposto, animado, bem humorado.

- Bem humorado? Qual o quê? O meu parceiro anterior, o 2020, comentou ter passado maus bocados naquele ano. Que uma epidemia de **Coronavírus**, denominada **Covid-19**, havia-se alastrado por todo o mundo, transformando-se numa pandemia sinistra e tinha abalado o planeta inteiro: o turismo, as viagens, os eventos, a produção, enfim, a economia em geral, abarrotando hospitais e provocando uma enorme quantidade de mortes e sofrimentos, por todos os lados.

- Também me falaram sobre isso, 2021, mas que, agora, em 2022, quando eu iria assumir, a coisa já estaria bem mais suavizada, sob controle. Isso não é verdade?

- Sim, Ano Novo. Mas surgiram outras variantes da doença. Isso pode prejudicar ainda mais algumas economias que já se encontravam um tanto quanto combalidas. Isso tudo abalou o meu reinado sobremaneira, me deixando assim tão exausto. Foi uma coisa muito rápida: com uma facilidade enorme de se espalhar através das viagens, sejam de lazer, ou a negócios, alastrou-se por todos os lados, em questão de meses, pegando quase todo mundo de surpresa. Também afetou de forma dramática, o emprego e a renda de uma grande parte da população mundial, em todos os setores: indústrias, comércios, serviços, etc. Com o advento das **vacinas**, realmente o número de pessoas infectadas reduziu muito. O **número de mortos** em todo o mundo caiu expressivamente com os

cuidados sanitários que foram adotados e, com a **aplicação em larga escala dessas vacinas**, que foram sendo desenvolvidas. *As reportagens, as entrevistas, recomendações e esclarecimentos de: cientistas, médicos, infectologistas, epidemiologistas, vindos de todos os cantos do planeta, foram fundamentais para frear o avanço da pandemia.* Agora, já estão aparecendo os primeiros antivirais realmente eficazes. Mesmo assim, o mundo superou o patamar de **5 milhões** de mortes, só com essa pandemia. Foi uma coisa trágica, assustadora, meu jovem. *Aqueles que perderam seus entes queridos, sabem muito bem disso que estou falando.*

- Ouvindo o seu relato, Ano Velho, fico assustado. Mas agora, responda a minha pergunta inicial: por que você escolheu exatamente esse local para nos encontrarmos?

- Sabe, mano novo, existem previsões de cientistas de outras catástrofes, de coisas parecidas, ainda mais assustadoras. Não vou falar para não desanimar você... És tão jovem, ainda! Mas, tem uma coisa **alvissareira** que eu precisava te mostrar, por isso escolhi este local para nos encontrarmos.

- Então, fale logo, mano velho. Sou todo ouvidos!

- Neste local onde estamos, lá no final, existe uma caixa escondida dentro de uma fenda na rocha, que contém **uma coisa preciosa, muito importante, que está faltando no coração das pessoas, em todo o planeta.**

- Puxa, agora fiquei curioso, 2021: que caixa é esta?

- Você é muito novo, estás começando agora, 2022. Não deve ter ouvido falar do mito da **caixa de Pandora**, não é mesmo?

- Bom, na realidade, não! Mas se é uma lenda, não devemos nos importar com isso, não é verdade?

- Mas, parece que tem alguma coisa de real. Segundo a lenda, **Pandora**, a primeira mulher criada por Zeus, foi enviada à terra para se casar com o irmão de Prometeu e trouxe consigo uma caixa. A recomendação é de que ela jamais abra essa caixa. No entanto, sem poder conter a curiosidade, ela a abriu e, com isso, libertou todos os males desconhecidos pelos homens, até então:

doenças, guerras, mentiras, ódios, etc. Desde este momento, até hoje, o mundo nunca mais foi o mesmo.

- Você está me dizendo, Ano Velho, que a caixa que se encontra no fundo dessa gruta, é a mesma que Pandora abriu? Mas, o que ela contém ainda de tão importante?

- É aonde eu queria chegar, 2022. Segundo a lenda, *ela fechou a caixa, mas manteve presa em seu interior a esperança. Apenas uma criança, uma alma pura, pode abri-la*. Por isso os acontecimentos se desenrolaram dessa forma: *o menino perdeu-se na mata e eu, em pensamentos, o guiei até aqui*. É preciso que ele, amanhã, ao acordar, se lembre desse sonho que teve conosco, *pegue a caixa e a abra. Só assim, a esperança voltará a reinar no coração dos homens*.

- Meu Deus, Ano Velho! Que história bonita!

- Então, vamos! Assuma seu posto! O ponteiro do relógio marca a meia-noite. Eu precisava te contar isso. Acho que você entendeu: ***para realmente se tornar uma história bonita, você precisa agir!*** Já estamos em 2022. Agora, preciso, de fato, descansar!

- Deixa comigo, tenho certeza que, de manhã, ele se lembrará disso. Vou deixar algumas frutas em cima do local onde está a caixa, para não ter erro.
Adeus, Velho Ano!

- Boa sorte, amigo! ***A esperança está em suas mãos!*** **Feliz, Novo Ano!**

5º Colocado

ANDRÉ AZEVEDO DA FONSECA - PR

Codiname: **roseira prudente**

Tipo: **História**

Título: **A PASTA DO MEU PAI**

A pasta do meu pai

Na minha infância eu era fascinado pela pasta executiva de meu pai. Uma pasta retangular de couro sintético com alça dobrável, cantoneiras de alumínio, rebites retráteis e um engenhoso mecanismo de fecho que podia ser trancado à chave. A pasta cheirava à escritório de repartição pública: um aroma de fita de máquina de escrever salpicado por partículas de papel carbono – perfume ainda mais enigmático do que a fragrância do mimeógrafo que me inebriava nas manhãs da escola. Na parte interna, entre divisórias e compartimentos secretos, misteriosas folhas grampeadas se ajuntavam fixadas por cliques e elásticos de borracha. Aquela pasta sugeria um universo a ser desvendado.

Meu pai cavalgava em cadeiras giratórias, escalava os armários de metal do setor de arquivos e velejava nos fichários de plástico... mas não sabia dirigir automóveis. Por isso, todos os dias pegava o ônibus de manhã para as aventuras no escritório. Seu trabalho também era um mistério para mim. Minha mãe dizia:

– Seu pai é chefe no INPS.

E eu achava aquilo fascinante!

Ele chegava em casa no fim da tarde e depositava a pasta nos recônditos do guarda-roupa. Não me lembro se havia alguma instrução expressa para que eu jamais mexesse nas suas coisas de trabalho. Mas de alguma forma eu sabia que deveria manter minhas mãos distantes daquilo. Interdição tácita que, naturalmente, picava minha curiosidade.

- O que tem lá?

Uma vez, por algum motivo, minha mãe me levou para vê-lo em ação na repartição pública. Fiquei absolutamente encantado com o mundo dos adultos. Me lembro de percorrer um longo corredor repleto de portas, de onde escapavam burburinhos eletrizantes. Eram eles! Ouvi sapatos e tamancos ecoando em estalos no piso de tacos. Homens e mulheres fumavam, tomavam café e falavam ao telefone. Na contraluz de um biombo, um funcionário público reinava sobre sua máquina de escrever. Ele inseria a folha no cilindro, ajustava a guia de papel, alinhava as margens, datilografava sem olhar para as teclas e acionava a alavanca de retorno com a segurança daqueles que se percebem superiores à máquina, enquanto as

engrenagens reagiam com estalos, zumbidos e rangidos, até o tilintar da campainha que anunciava a rendição do mecanismo diante a perícia do operador humano.

Me lembro que meu coração disparou quando vi aquele herói se levantando de sua cadeira e se dirigindo à mesa de meu pai. Ele se sentou e entregou a folha. Eles se mantiveram em silêncio, enquanto meu pai passava os olhos sobre os números daquela datilografia. Ele pegou um carimbo, girou o disco de ajuste de data, acertou a almofada de tinta, carimbou, assinou e – em uma apoteose que testemunhei com meus próprios olhos – guardou o documento em sua pasta mágica. Nunca vou me esquecer disso!

Uma vez meu pai participou de uma cerimônia onde recebeu uma placa de homenagem aos serviços prestados no serviço público. Não era uma festa de crianças. Mas minha mãe me contou que ele foi mencionado no cerimonial e aplaudido por todos. Ele era tímido e não gostava de falar em público. Por isso, fiquei surpreso quando descobri que ele fez um discurso de agradecimento aos colegas, que o respeitavam por sua honestidade e humanidade. Foi uma noite feliz. E fiquei ainda mais curioso para bisbilhotar a pasta. Era irresistível.

– O que será que ele guarda ali?

Pois bem. Os anos se passaram e alguma coisa aconteceu comigo durante a adolescência. Quando rememorava aquele momento de visita ao seu escritório eu me sentia envergonhado pela monotonia de seu serviço. Era constrangedor saber que meu pai era tão submisso à burocracia. Não havia aventuras naquela existência pacata. Ele não era realmente um herói, mas apenas um número funcional anônimo carimbando documentos inúteis. Qual o sentido de dobrar papeis para em seguida desdobrá-los e depois grampeá-los e desgrampeá-los para reajuntá-los em cliques e separá-los novamente para carimbar, assinar e inseri-los em envelopes endereçados às traças? Aqueles homens e mulheres pareciam tão autoconfiantes... mas na minha adolescência passei a enxergá-los como criaturas aparvalhadas pelo tédio, aguardando o fim do expediente para começar tudo de novo na manhã seguinte.

Por isso, para mim, aquela pasta se tornou um sintoma da vida retangular de meu pai. Não havia mistério; apenas papeis. E então notei que ela estava repleta de manchas. E que a alça estava gasta e descosturada. Os rebites enferrujados. Os fundos repletos de riscos e marcas de caneta. E ainda estava rasgada: havia um

buraco em um canto, onde cabia um dedo. Ora, então as chaves eram inúteis! Bela maneira de guardar documentos! E foi assim que a fantasia de minha infância se extinguiu como o último suspiro da chama de uma vela derretida.

– Lamentável. Essa pasta não é um jardim. É um cemitério.

Mas a despeito do meu desencanto, meu pai estava vivo. Trabalhava normalmente, resolvendo questões distantes do meu mundo. Às vezes ficava até tarde da noite relendo documentos, cotejando-os com tabelas, revisando os números com sua calculadora mecânica e fazendo anotações. Econômico, ele aproveitava o lápis até o fim. Na verdade ele economizava em tudo: vestia sempre a mesma roupa, usava o mesmo relógio há anos e raramente andava de táxi. O que me causava incômodo.

– Como pode meu pai ser chefe do INPS e vestir roupas mais velhas do que as minhas?

Ele nunca me explicou a natureza do seu trabalho. Talvez porque, quando era criança, eu não entenderia; e agora que eu era adolescente, eu não me interessava. Às vezes eu o via ao telefone, fazendo ligação interurbana para Brasília, quando ele se informava sobre reajustes, precatórios, gratificações de desempenho, gratificações de incremento e outros direitos que lhe haviam sido garantidos, mas que eram postergados por infundáveis ações judiciais. Ele recebia informativos de sua associação e mais de uma vez o vi conversando com colegas sobre isso.

– Nós temos direito. A Anfip está se mobilizando. Você é associado? É importante fortalecer nossa entidade.

Quando meu pai se aposentou, decidiu trabalhar como vendedor de seguros para ganhar comissões. Ele dizia que queria passar o tempo. Eu sabia que não daria certo, porque ele era muito introvertido para convencer qualquer pessoa do que quer que fosse. Definitivamente não era um passatempo confortável para ele. Essa foi uma charada que eu não conseguia decifrar na adolescência. Na verdade, eu não tinha noção das dificuldades financeiras que ele passava para sustentar a família diante os vários desafios de saúde que enfrentávamos simultaneamente. Mas ele sempre prometia para minha mãe que, quando as ações fossem julgadas, a vida iria melhorar.

– É direito adquirido. Vamos receber, quitar as dívidas e acertar a vida.

Com a sua aposentadoria, pela primeira vez ele me deu de presente a agenda anual da Anfip – aquela que ele sempre utilizava no serviço. Me senti um pouco mais adulto com isso. E nos anos seguintes isso virou uma tradição na família. Pela primeira vez eu me senti herdeiro de algumas das qualidades que rejeitara na adolescência, tal como a organização e a disciplina.

Meu pai morreu antes de acertar a vida. Sua ausência me fez perceber o quanto ele era presente em todos os momentos. Na verdade, de certo modo, ele continuava presente em sua máquina de escrever, em sua calculadora Olivetti e em seu relógio de pulso, que passaram a significar coisas diferentes para mim. Ao organizar suas camisas e outros itens que destinaríamos à doação, me deparei com a pasta executiva esquecida no fundo do guarda-roupa. As fantasias da infância brotaram como uma flor no concreto. Suspirei fundo, passei as mãos pelo couro sintético, pela alça, pelas cantoneiras, rebites e fechos, em uma alegria melancólica porque, enfim, me via prestes a desvendar o segredo que meu pai nunca se preocupou em guardar. Abri a pasta, peguei os papéis e comecei a ler.

– Pai, você conseguiu me surpreender!

A pasta continha, protegidas por envelopes unidos por cliques, várias cartas manuscritas de pessoas gratas pelo trabalho de meu pai. Ele guardou cada uma das mensagens afetuosas que recebeu nos trinta anos como servidor público. Por que eu nunca tinha lido isso antes? A primeira era de uma mulher que o agradecia pela bondade de ter se importado com ela, guiando-a pacientemente pelos procedimentos burocráticos que efetivaram a aposentadora que ela tinha direito há anos. Analfabeta, ela explicava que sua mensagem havia sido ditada para uma vizinha que sabia escrever. E que ela não poderia deixar de manifestar sua gratidão. Outra o agradecia por tê-la ajudado a aposentar a mãe de 80 anos, que depois de criar sozinha nove filhos, tinha sido simplesmente esquecida pela previdência social. Outro, que contou toda a sua história como deficiente físico, declarava que meu pai tinha sido uma das poucas autoridades em toda a sua vida que o trataram com dignidade. Eram dezenas de cartas de várias cidades de Minas Gerais.

Meu pai era auditor fiscal da Receita Federal. Não tive a oportunidade de perguntar se aquele tipo de atendimento fazia parte de suas obrigações. Mas como ele trabalhava no prédio do antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS),

certamente ele se deparava com homens e mulheres em busca de orientações para garantir direitos básicos de cidadania. Não tenho dúvidas de que ele fazia muito mais do que isso. Mas o fato de ter guardado aquelas cartas diz muito sobre a importância que ele conferia ao aspecto humano de sua profissão.

Nesse momento entendi meu pai. Ele tinha consciência de que cada detalhe de seu trabalho trazia consequências palpáveis para a vida de uma pessoa. Aquele carimbo em um documento proporcionaria dignidade imediata ao José, que assinava o requerimento. A tabela corretamente revisada garantiria os direitos de João, pai de família. Folhas cuidadosamente grampeadas evitariam que a angústia de Maria se postergasse desnecessariamente devido a eventuais extravios de documentação. E em última instância, a honestidade na fiscalização dos recursos públicos – o propósito de sua atuação profissional – era sua forma plena de proteger as pessoas. Se as cartas revelavam sua dedicação solidária a tanta gente, a rotina de seu serviço garantia as próprias bases que possibilitavam a efetivação daqueles direitos.

A criança estava certa. Meu pai era o meu herói.

Há uma luta diária, invisível e anônima, sob o burburinho dos corredores das repartições, empreendida por funcionários públicos que se movimentam nos meandros da burocracia para promover a igualdade e a justiça. Sob a aparente quietude da mais corriqueira manhã de expediente, circulam sobre as mesas centenas de vidas com seus dramas, conflitos e contradições. Um profissional como ele, que lida diariamente com a complexa administração da vida humana, merece e precisa ser valorizado.

Meu pai era auditor fiscal filiado à Anfip. Ele tinha plena convicção de que, assim como trabalhava para garantir os direitos das pessoas, era justo lutar em defesa dos seus próprios direitos. E ele reconhecia que não se tratava de uma luta individual, mas associativa. Uma vida inteira de trabalho digno em benefício da sociedade precisa ser dignificada, em nome da própria sociedade.

Meu pai deixou lições que floresceram com a minha maturidade. No seu velório, um de seus colegas se aproximou para as condolências. Citando um livro antigo, disse: “Que a memória de seu pai perdure por intermédio de sua longa vida”. Ao agradecer, prometi honrar a memória de meu pai. Contando a sua história, valorizando sua experiência e me associando à luta para dignificar o seu legado.

6º Colocado

JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES - MG

Codiname: **arvoredo livre**

Tipo: **Conto**

Título: **A LUA E O GRANDE BAOBÁ MÁGICO**

A Lua e o Grande Baobá Mágico

Bomani havia concluído seus estudos naquela universidade da Europa. Agora, depois de alguns anos, começara a se destacar no cenário internacional, devido à sua inteligência, facilidade de expressão, carisma e conhecimento. Era chamado para dar conferências em diversas partes do mundo. Por aquela época, o famoso cientista inglês, seu tutor, havia falecido. Bomani resolveu retornar à África, à sua terra de origem, para ver onde Noah havia sido enterrado.

Naquela noite, a Lua novamente estava lá, radiante no céu, substituindo o sol que esfriara naquele canto do mundo, mas apareceria no outro lado, levando o amanhecer, a luz, o calor e a alegria para outros povos. Mas, naquele momento, um tanto triste com a notícia da morte de seu tutor, Bomani recordou-se dele e de algumas histórias que ele havia contado. Uma delas falava do encontro de um *luar especial*, que parecia se aninhar nos galhos de um grande *baobá*, na África. Sua mente, de repente, parecia ter sido transportada para a sua longínqua terra natal. Teria esta história algum fundo de verdade, ou seria mais uma lenda? Pensou ele. Um colega de universidade, Elton, um grande amigo seu, embora fosse mais conhecido pela turma da escola, como Ethan, resolveu acompanhá-lo nesta viagem até ao continente africano. Ele se empolgara com as histórias contadas por Bomani sobre Noah.

Bomani, ao chegar próximo ao túmulo de Noah, assentou-se em um banco que havia em frente ao mesmo. Olhou para a lápide e uma profusão de pensamentos, histórias antigas, vieram à sua mente. Ninguém havia prestado atenção nele... Nunca!!! Sabia que teria sido mais um, dentre os milhares de sua região; que jamais teria tido a oportunidade que o inglês lhe havia dado. Por que será que Noah o escolhera, o adotara? O que aquele senhor havia visto nele? Por que investira tanto em um garoto, que mal conhecia, pagando seus estudos e acomodação, alimentação, dentre muitas outras coisas, naquela famosa cidade europeia? Tudo isso sem nunca pedir nada em troca!? Só mesmo um ser humano iluminado, como Noah, para fazer algo assim! O choro, antes contido, agora veio aos borbotões.

Novamente, um filme com todas as cenas bem vívidas, se apresentou aos olhos de sua mente, como se elas estivessem acontecendo naquele momento. Havia

nutrido uma grande admiração por aquele cientista, que já com certa idade, resolvera adentrar pelo continente africano, estabelecendo por lá sua nova morada. Ele tinha angariado durante sua vida uma razoável reserva financeira: um pouco da própria herança recebida e, o restante, fruto de seus trabalhos de pesquisas, livros editados, palestras, conferências, algumas patentes, dentre outros. Em solo africano, continuou suas pesquisas, procurando difundir entre diversos povos daquela parte do mundo, melhorias de cultivo, cultivares mais produtivas e adaptáveis ao clima e ao solo daquela região, dentre diversas outras técnicas agrícolas. Era uma aventura, o inglês sabia bem disso, mas se tratava de um projeto seu que brotava do fundo da alma. Naquele momento o jovem entendeu isso: que foi um sonho, um anseio insaciável que levou Noah a migrar para aquelas terras tão distantes. O inglês, então, escrevera mais um capítulo em sua história. E, também, na de Bomani, pois, quando estava com cerca de 10 anos, ele conseguira legalmente sua adoção.

Lá fora, atrás do campo-santo, havia alguns exemplares de pés de baobá. Lembrou-se das inúmeras vezes que Noah falara daquela planta, que para ele era uma árvore mágica. Dizia ele que *“o nome genérico do baobá: Adansonia, era uma homenagem a Michel Adanson, um naturalista e explorador francês que descreveu a espécie africana Adansonia digitata. Que havia cerca de nove espécies distribuídas: pela ilha de Madagascar, no continente africano e Médio Oriente e, ainda, na Austrália.”*

Levantou-se do banco onde estivera assentado e foi novamente rever de perto aquelas árvores que conhecera tão bem, em sua infância, na África. Ethan o esperava do lado de fora do cemitério. Os pés de baobá, embora floridos, estavam ao final de sua floração. Recordou-se que eles floresciam uma vez por ano. Viu suas flores grandes e solitárias, de cabeça para baixo, antes de secarem e caírem no solo. Também se recordara que elas se abriam durante a noite, exalando um cheiro azedo que atraía morcegos e mariposas noturnas para a polinização. Novamente, veio-lhe à mente, quando uma certa vez, descrevendo sobre aquela planta, com muito propriedade, Noah disse:

“- Todas as espécies frutificam no final da estação seca ou princípios da úmida. O fruto lembra a forma de um melão alargado. As sementes são muitas, grandes, com forma de rim.”

Aquela descrição combinava bem com o que Bomani havia aprendido, ao vivo, vendo inúmeros baobás, durante sua infância, naquela região da África. No entanto, Bomani sabia que seu objetivo só estaria alcançado, quando eles chegassem ao *grande baobá mágico*, de que tanto Noah falava. Essas histórias haviam sido impregnadas em sua mente de tal maneira, que só havia um pensamento agora, naquele momento: procurar essa famosa árvore. Os dois amigos resolveram, então, partir para mais adentro na África. Conseguiram que um transportador concordasse em levá-los até próximo de lá, onde poderiam encontrar esse lendário e misterioso baobá. Partiram e depois de mais de um dia de viagem haviam chegado naquele território, distante ainda uns 300 km do local onde Noah havia descrito que se encontrava aquela *grande árvore sagrada*. Dali em diante o motorista não quis se aventurar. A estrada era péssima. Alugaram então, uma pickup, tração nas 4 rodas, e partiram, Bomani e Ethan.

Após muitas horas viajando, chegaram ao local que tanto ouvira o inglês contar. Estavam então, ambos, diante de um enorme pé de baobá. Nunca tinham visto nada igual. Resolveram acampar próximo a ele. Tinha diversos frutos caídos ao pé da árvore. Pegou um deles e virando-se para Ethan disse que certa vez um visitante havia perguntado a Noah:

- *“Estes frutos são comestíveis?”*

- *“Sim, no seu interior tem um miolo seco comestível. Em diversos países africanos, o fruto seco é fervido e o caldo obtido tem várias utilidades na alimentação, na culinária africana. Também, as sementes, são comestíveis.”*

- Me fale mais sobre ela, Bomani.

- Noah havia me explicado que, *“essas árvores têm grande capacidade de armazenar água dentro do tronco.”* Segundo ele - e eu já vi isso - *“alguns troncos ficam ocos quando envelhecem, convertendo-se em grandes depósitos de água, ajudando a amenizar as duras condições de seca nessas regiões. Podem viver por mais de um milênio.”* Acredito que este exemplar que estamos vendo aqui, deva ter mais de mil anos.

Próximo ao acampamento, acenderam uma fogueira. Bomani sabia ter encontrado o baobá que tanto Noah lhe falara. Ele dizia que era uma árvore única. Que uma magia acontecia durante uma determinada noite de luar

majestoso, quando ocorria o evento de uma Lua Vermelha, conhecida como *Lua de Sangue*. Mas, naquela noite, a Lua que já despontava no céu, não era a mesma de que Noah lhe falara e eles tanto aguardavam. Ela iria acontecer na noite do próximo dia. Ali, assentados em volta da fogueira, esperavam que algumas espigas de milho verde, espetadas e colocadas próximas ao fogo, ficassem no ponto de comer. Bomani contou a Ethan que, há mais de uns quinze anos, quando tinha então seus 11, 12 anos, em alguma daquelas conversas prazerosas que Noah gostava de fazer, ele havia dito:

- “Sabe, Bomani, a nossa Lua é a quinta maior lua do Sistema Solar e, também, em relação ao tamanho do seu planeta (1/4 do diâmetro da Terra), é a maior lua deste sistema. Por exemplo, se a Terra fosse igual a uma bola de basquete, a Lua seria do tamanho de uma bola de tênis.”

- “Como será que ela se formou, Noah?”

- “A hipótese mais provável é a de que tenha se formado em decorrência de um enorme impacto, durante o qual um corpo do tamanho de Marte, denominado *Theia*, colidiu com a recém-formada Terra, projetando material para a sua órbita, onde se aglutinou até formar a Lua.”

- Segundo pesquisei, Bomani, o nome Lua tem origem do latim, *Luna*, pois era a única lua conhecida na época. Então, com seu telescópio, *Galileo Galilei* descobriu que existiam outras luas no sistema solar. Outra coisa interessante que aprendi é que a Lua é maior do que o planeta-anão, *Plutão*.

- Que legal, amigo!! Mas uma coisa que me deixou bastante intrigado, é que muitos associam a lua cheia, com o maior número de homicídios ou suicídios. E, não para por aí. Um dia, alguém ainda me contou uma teoria estranha, propondo que a Lua da Terra seja oca. Nessa teoria, ela teria sido criada por seres desconhecidos.

- Já li algo sobre isso. Bomani, segundo esta teoria, como as grandes crateras lunares, são em geral muito rasas e têm fundos planos ou mesmo convexos, então, dizem que meteoros menores estão causando uma depressão em forma de xícara, na superfície rochosa da Lua, enquanto os maiores, estão perfurando essa camada rochosa e atingindo um casco blindado por baixo.

- Nossa, quanta imaginação!! Mas *não há nada* que comprove que o nosso satélite natural seja *oco*. Também não existem evidências científicas que apoiem as outras superstições que citamos, não é mesmo, Ethan?

- Isso mesmo, Bomani!!

E, então, já com sono, Ethan comentou:

- A conversa está muito boa, meu amigo. Mas acho que as espigas de milho estão no ponto. Vamos degustá-las?!

- Nem diga, amigo! Já estava com água na boca.

Após isso, a noite avançando nas horas, naturalmente, convidou-os a dormir. Naquele próximo dia, iria ocorrer a *Lua de Sangue* (que acontece quando há um *eclipse lunar total*, um fenômeno astronômico em que a *Lua*, a *Terra* e o *Sol* ficam alinhados); nesse momento, a *Lua* entra na sombra da *Terra*, sendo encoberta, ganhando um tom avermelhado. Dizia Noah que, então, naquele lugar e momento único, ocorreria a magia.

No dia seguinte, acordaram tarde. O Sol avançava inclemente no céu. Trataram de procurar alguma fonte de água, ali pelas redondezas, próxima à grande árvore. Então, neste afã de procurar água e preparar alguma comida, perderam a noção das horas e, quando se deram conta, o entardecer já estava se avizinando.

O anoitecer, então, trouxe consigo uma *lua imensa, vermelha*, parecendo surgir como do nada. Devagarinho, ela dava a impressão de estar se aproximando deles, de onde estavam, como num sonho. *De mansinho, parecia que ela estava se assentando sobre a copa do grande baobá, como se fosse um ovo incandescente, colocado ali por uma enorme fênix*. Raios de luz, desceram daquela fusão entre o terreno baobá e a Lua flutuante do espaço, envolvendo os dois amigos, abrindo suas mentes, como se fosse um filme, exibido em uma tela gigantesca. Os raios luminosos, como por um encanto, elevaram os dois jovens às portas daquele encontro inusitado, surreal.

Como em transe, viram que *diversos caminhos partiam daquele ponto*. Alguns ladeados por girassois, outros por trigais maduros, se descortinando em planícies tranquilas, onde gramíneas e flores do campo, ondulavam ao sabor da

brisa; ainda, outros, seguiam sinuosos, como a acompanhar cursos de águas leves, mansas e cristalinas, que deslizavam sobre leitos de seixos e areia. *Aqui, ali, acolá, inúmeros animais circulavam entre esses caminhos, numa infinita gama de espécies, ora de insetos, ora de mamíferos e pássaros. Não pareciam se estranhar e o medo não imperava entre eles.* Lá de cima, os dois jovens amigos observavam a Terra, como se o globo terrestre houvesse sido achatado, como que estendido, espichado, em um enorme papiro plano. Voltando a visão para onde se encontravam agora, ao fundo, Bomani divisou uma pessoa conhecida... Parecia Noah.

- Noah, é você mesmo?

- Sim, Bomani. Por que o espanto?

- É que a última vez que nos vimos, você empunhava uma bengala. Parecia mais velho; me desculpe!

- Não se preocupe, meu filho. Aqui, nossas aparências terrenas mudam.

- Você está me parecendo o mesmo Noah que conheci, quando me adotastes, lá quando eu tinha meus dez anos, mais ou menos.

- Isso mesmo, Bomani. Você está me vendo com a aparência que sempre ficou marcada nos olhos de sua alma. Veja ali, mais atrás. Sabe quem são?

- Meu Deus!! É o meu pai, minha mãe e meu irmão mais velho, Kayin?

- Sim, são eles. Vá abraçá-los!

- Parece que estou sonhando. Quanto tempo! Abraços, meu irmão querido! A benção, meus pais amados!

Após se abraçarem, seu pai disse:

- Não fique triste, Bomani. Aqui estamos bem, felizes. A dor, o ódio, a miséria e todos os demais sofrimentos, não prosperam onde nos encontramos. *Aproveitem este momento, esta oportunidade única que estão tendo, você e seu grande amigo, para vivenciarem este mundo novo. Levem consigo, ao retornarem à Terra, a mensagem de que tudo pode ser diferente.* E, ainda continuou:

- Então, volte a conversar com seu tutor. Ele tem muita coisa ainda para lhes mostrarem.

Bomani volta-se para junto de Noah e Ethan, e pergunta:

- Noah, o que é isso que está acontecendo conosco?! É tudo um sonho?

- Bomani, você e o Ethan, adentraram por um portal momentâneo, formado por este encontro com a Lua, se aninhando nos braços do baobá.

- Quanto tempo dura esse encontro surreal? Perguntou Ethan.

- Aqui, tempo e espaço se fundem. Não há passado, nem futuro. Só o momento presente... O agora!

Noah, volta a falar:

- Olhem lá embaixo, para a Terra. O que mais vocês observam?

- Não há fronteiras, não há divisas!! Disse Bomani, espantado.

- Sim, agora olhem para cima, para o espaço sideral. O que vêem?

- Também não vemos divisas, fronteiras. No universo, parece não existir barreiras físicas, entre um mundo e outro, entre uma galáxia e outra. É isso mesmo, Noah?

- Correto, Ethan. *Nós criamos as barreiras. São psicológicas. O ódio, a ganância, a ânsia de poder, não abrem espaços para que os humanos possam interagir e se beneficiarem mutuamente - como deveriam - das descobertas, dos avanços tecnológicos conquistados.* Embora, sem querer generalizar, parece haver uma mentalidade doentia que leva a uma predominância de ganhos e lucros exorbitantes, alicerçada num egoísmo muito grande. *Dá para fazer mais, muito mais do que estamos fazendo. É só abriremos nossos corações.*

- Falastes tudo, Noah!! Quando voltarmos ao nosso mundo, acredito que possamos levar essas boas novas. Aprendemos muito, em pouco tempo. Disse, Bomani.

- Sim, acho que temos muito o que fazer por lá. *Já se passaram mais de dois mil anos desde a vinda de Cristo - dentre outros - e parece que a nossa alma evoluiu pouco, ou até, estacionou.* Depois de duas grandes guerras terríveis, tudo leva

a crer que o ser humano pouco aprendeu com tudo isso, e não consegue quebrar os elos da corrente deste carma, caminhando para outra, agora nuclear, muito mais catastrófica, apocalíptica. Se houvéssemos evoluído - por todo o sofrimento que a humanidade já passou - isso não poderia nunca nem ser cogitado, muito menos, apoiado. *Sim, como disse Bomani: hoje, aprendemos muito! Considerou, Ethan.*

- Tem toda razão, Ethan! Assim como quando efetuamos a reforma de um imóvel, nós podemos até saber quando ela vai começar, mas, muitas vezes, não sabemos como e quando ela vai terminar. Um incidente, foi o estopim da Primeira Grande Guerra Mundial que depois se disseminou por diversos países do mundo, dizimando milhões de vidas. Hoje, existem arsenais nucleares espalhados por diversas partes do globo. *O começo de alguma coisa neste sentido, pode-se descontrolar, e significar o fim da espécie humana.* Como você disse, meu amigo: temos muito o que fazer em nossa volta à Terra. Ponderou, Bomani.

E, ainda perguntou:

- Noah, será que vamos nos ver de novo?

- Por que não, Bomani? Quem sabe nos sonhos?

- Então, um grande abraço, meu inesquecível tutor!! Obrigado, desde sempre!

- Até um dia, Noah! Um até logo a todos vocês. Disse, Ethan, se despedindo.

Abriram os olhos. Estavam assentados próximos à fogueira, junto ao acampamento. A Lua já ia alto no céu. Ainda estava avermelhada. O grande baobá estava ali, impassível como uma esfinge, como se nada houvesse acontecido. Ethan, olhando para o amigo, perguntou:

- Isso aconteceu mesmo, ou foi só um sonho?!

- Não sei, Ethan. Parecia tão real, não? Bom, mas já está bem tarde. Vamos dormir. Amanhã temos uma longa viagem de volta. Concluiu, Bomani.

7º Colocado

DÉCIO BRUNO LOPES - MG

Codiname: **bolsa maravilhoso**

Tipo: **História**

Título: **ANFIP – 75 ANOS DE TRABALHO EM
DEFESA DE SEUS ASSOCIADOS, DO ESTADO
BRASILEIRO E DA PREVIDÊNCIA SOCIAL**

**ANFIP – 75 ANOS DE TRABALHO EM DEFESA DE SEUS ASSOCIADOS, DO
ESTADO BRASILEIRO E DA PREVIDÊNCIA SOCIAL**

ANFIP – 75 ANOS DE TRABALHO EM DEFESA DE SEUS ASSOCIADOS, DO ESTADO BRASILEIRO E DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

Era o ano de 1950. No dia 22 de abril desse ano nascia no Rio de Janeiro a Associação de Fiscais da Previdência Social – AFPS, entidade de abrangência nacional, que desde sempre se preocupou com o fortalecimento do cargo de fiscais de previdência em atividade nos Institutos de Aposentadorias e Pensões – IAP existentes à época. Com a criação de novos institutos e respectivas associações, além de lutar por melhores condições de trabalho e de remuneração, outra vertente de trabalho era para a unificação das entidades e dos próprios cargos componentes da carreira de fiscal espalhados pelos IAP (IAPI, IAPB, IAPC, etc) . Era o caminho para a valorização, para demonstrar a importância do trabalho coeso de todos e consequente aumento de arrecadação, tão necessária para pagamento dos benefícios previdenciários que se avolumavam e seus valores se deterioravam, seja em face da necessidade de recursos, seja pela legislação esparsa com benefícios diferenciados em cada IAP.

Mas o ideal de unificação de entidades, de carreiras e remunerações, sempre delineou o trabalho desenvolvido pela associação. Já no ano de 1967, com a unificação dos institutos no INPS – Instituto Nacional da Previdência Social, houve também possibilidade de unificação das associações existentes em uma única entidade dos fiscais de previdência que passou a ser denominada de Associação Nacional dos Fiscais de Previdência Social, reforçando, ainda mais, o seu fortalecimento com a abrangência nacional. Era o caminho perfeito para novas conquistas. A primeira delas foi a transformação do cargo de Fiscal de Previdência em Fiscal de Contribuições Previdenciárias, cargo este constante do Grupo TAF (Tributação, Arrecadação e Fiscalização) por força da Lei nº 5.465/1970 que instituiu o Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS), cujos efeitos somente vieram a se concretizar em 1974 com a definição das tabelas de remuneração, após intenso trabalho desenvolvido junto ao governo e aos parlamentares. O nome da entidade também foi alterado para Associação Nacional dos Fiscais de Contribuições Previdenciárias, cuja marca ANFIP se encontra registrada no Departamento Nacional de Propriedade Industrial desde 1989.

Passada essa fase de consolidação, os idealizadores da ANFIP perceberam que além da defesa dos interesses corporativos de seus associados, era necessário o reconhecimento da categoria pelos governantes, pela classe política, pelos meios acadêmicos e pela sociedade em geral. Com essa visão de futuro de seus dirigentes, a ANFIP passou a desenvolver estudos e pesquisas sobre a importância da previdência social para a classe trabalhadora e para o desenvolvimento do Estado Brasileiro, estudos estes para subsidiar os debates junto ao governo e ao congresso nacional. Tanto é que na Assembléia Nacional Constituinte estava lá a ANFIP defendendo, não apenas a previdência social, como fora antes, mas um sistema de proteção social mais abrangente e mais inclusivo – a Seguridade Social e com financiamento próprio, em que se incluísse também a assistência social e a saúde universal, uma evolução do que até então fora o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social – SINPAS.

A ANFIP também teve participação ativa na elaboração do Plano de Custeio da Seguridade Social (Lei nº 8.212/91) e do Plano de Benefícios da Previdência Social (Lei nº 8.213/91), bem como dos Decretos que regulamentaram tais leis (Decreto nº 356/91 – Regulamento da Organização e do Custeio da Seguridade Social e Decreto nº 357/91 – Regulamento dos Benefícios da Previdência Social) e da consolidação desses regulamentos pelo Decreto nº 3.048/99 – Regulamento da Previdência Social. Elejo essa época como o auge do seu reconhecimento em âmbito nacional pela competência técnica e a qualidade dos debates dos seus dirigentes, suas produções técnicas e informativas, seu nome estampado em jornais e revistas.

Mas, para dar continuidade nos trabalhos, muitos desafios haveriam que ser vencidos e o principal deles era melhorar a autoestima dos associados. A percepção de uma baixa autoestima era decorrente de remuneração não condizente com o cargo, falta de condições de trabalho, falta de treinamento e principalmente o enfraquecimento da categoria pelas constantes investidas políticas para a desoneração da folha de pagamentos, entre outras. Mas como fazê-lo? Receita para tal não existia, mas existiam homens e mulheres dirigentes determinados a encontrar uma forma como contornar esse estado de coisas, de afastar aquele ambiente sombrio que pairava sobre a categoria. Para piorar a situação, logo no início de seu governo, o Presidente Fernando Henrique Cardoso encaminhou ao Congresso Nacional a Proposta de Emenda à Constituição nº 33/95 que estabelecia uma ampla

reforma dos regimes previdenciários, seja dos servidores públicos, seja dos trabalhadores da iniciativa privada. Entre as propostas estavam o fim do tempo de contribuição fictício, o aumento do tempo de contribuição para ser elegível a um benefício previdenciário, regras de transição muito rígidas, aumento do período de estágio probatório, previsibilidade de previdência complementar para servidores públicos, propostas estas que causaram grande reboiço entre os servidores quanto para os trabalhadores da iniciativa privada. Como resultado, uma incessante corrida para as aposentadorias com as regras então existentes, durante o período de tramitação e discussão da matéria, até se transformar na Emenda Constitucional nº 20 de 15 de dezembro de 1998. O estrago não foi maior pois a ANFIP, com toda a sua força e experiência política, não arredou pé das discussões no Congresso Nacional, de forma a evitar a privatização total dos sistemas previdenciários que viria com a instituição do regime de capitalização por meio de conta individual e consequente fim do regime de repartição, além da possibilidade de se reduzir o limite máximo de contribuição e de benefício para até três salários mínimos.

Em relação à remuneração, após mais de cinco anos sem reajuste fiscais estavam em situação de desespero. Eis que os visionários dirigentes enxergaram uma luz ao fim do túnel e de maneira sagaz, começaram a negociar nos bastidores do governo e no congresso nacional a possibilidade de unificação das carreiras do fisco federal nas áreas tributária, previdenciária. Como resultado desse trabalho, foi editada Medida Provisória - MP nº 1915/99 que dispunha sobre a reestruturação da Carreira Auditoria do Tesouro Nacional, mas nada dispunha sobre a carreira previdenciária. Mais uma vez a ANFIP entrou em campo para afastar essa ação repugnante do governo em deixar de fora da MP os fiscais previdenciários. Esse trabalho foi tão efetivo que na sua primeira reedição, a MP nº 1915-1, de 29 de julho de 1999, já incluía a reestruturação e organização da Carreira da Auditoria-Fiscal da Previdência Social e da Carreira Auditoria-Fiscal do Trabalho. Essa MP foi reeditada inúmeras vezes, até a edição da MP nº 46 de 25 de junho de 2002, que foi convertida na Lei nº 10.593, de 06 de dezembro de 2002. Esse foi mais um “gol de ouro” marcado pela equipe de dirigentes da entidade. Mas o Presidente Fernando Henrique Cardoso não foi capaz de promulgar essa lei, que foi promulgada pelo Presidente do Senado Senador Ramez Tebet, nos termos do § 7º do art. 66 da Constituição Federal. A partir de então, foi possível cessar, pelo menos por enquanto, a baixa autoestima dos

associados, agora regidos por uma nova carreira – Auditoria-Fiscal da Previdência Social e um novo cargo – Auditor-Fiscal da Previdência Social com a mesma remuneração dos Auditores-Fiscais da Receita Federal e do Trabalho, inclusive a Gratificação de Desempenho de Atividade Tributária - GDAT instituída pela referida lei.

Não obstante essa brilhante conquista, a ANFIP continuou seu protagonismo com produção e publicação de livros, cartilhas e periódicos, legislação anotada, palestras, seminários, como forma de municiar estudantes, professores, catedráticos, parlamentares, membros do governo acerca dos iminentes prejuízos que poderiam ser causados pela política neoliberal e globalizante. Como exemplo cita-se a edição do livro “Análise da Seguridade Social”, um “best-seller”, que desde a sua primeira edição veio para desmistificar o fatídico déficit da previdência social usado pelo governo e organismos econômicos para enfraquecimento da previdência social e promover a sua privatização.

Em janeiro de 2003 iniciava o governo do Presidente Lula. Era um momento de apreensão, pois, embora o governo tivesse um viés progressista, permaneciam vivos os ideais neoliberais do governo que findava. A ANFIP não podia baixar a guarda. Qual não foi a sua surpresa quando em 30/04/2003 foi enaminhada ao Congresso Nacional nova proposta de reforma da previdência, a PEC 40/2003. Mais um drama, mais um peso nas costas do servidor público. Não obstante o grande trabalho parlamente empreendido na defesa dos servidores públicos, essa PEC foi convertida na Emenda Constitucional nº 41 de 19/12/2003, que, entre suas maldades, além da contribuição de inativos e do fim da paridade, trouxe a possibilidade de instituição do regime de previdência complementar apenas na modalidade de contribuição definida e limitação dos benefícios aos do Regime Geral de Previdência Social – RGPS. Com essa emenda, os servidores que fossem empossados a partir de 01/01/2004 e aqueles que não tivessem cumprido os requisitos para terem direito à paridade, somente poderiam se aposentar pela média das contribuições. Nem as ADIs propostas ao STF foram capazes de impedir a contribuição dos aposentados e pensionistas. Mas a ANFIP trabalhou firmemente pela aprovação da PEC nº 555, de 22/06/2006 de autoria do então Deputado Carlos Mota, que trata da redução/extinção da contribuição de aposentados e pensionistas. Entretanto, entre idas e vindas, não

obstante o trabalho conjunto da ANFIP e do MOSAP, até os dias atuais, tal PEC ainda não chegou ao final de sua tramitação.

O tempo era de novas incertezas para os Auditores Fiscais da Previdência Social. Não obstante a unificação das remunerações do fisco federal, o receio era de enfraquecimento do cargo em decorrência da onda privatizante da previdência e da extinção da contribuição patronal, o que os tornaria fiscais de contribuições de segurados e assim, enfraquecimento da carreira e por consequência, dificuldades de se conseguir melhorias. Era necessário lutar pela recomposição da remuneração sem se distanciar das outras carreiras fiscais e ao mesmo tempo continuar com os ideais de unificação iniciados em 1950. A ANFIP passou, então, a agir em duas frentes de trabalho: a melhoria da remuneração e a unificação do fisco tributário federal. Em relação à remuneração, o primeiro passo foi conseguido com a reestruturação das remunerações dos cargos componentes das carreiras de fiscalização, nos termos da Lei nº 10.910/2004, de 15 de julho de 2004. Em relação à unificação do fisco tributário federal, o primeiro passo foi conseguido com a criação da Secretaria da Receita Previdenciária – SRP na estrutura do Ministério da Previdência nos termos da MP 222, de 04/10/2004, convertida na Lei nº 11.098, de 13 de janeiro de 2005, mais um gol de ouro marcado pela entidade. O próximo passo seria unificar as duas secretarias em um mesmo órgão e unificar também os respectivos cargos e carreiras. Essa proeza iniciou com a edição da MP nº 258, de 21/07/2005, que após conturbada tramitação perdeu a validade em decorrência da falta de quórum no Senado e consequente decurso de prazo, embora tivesse sido aprovada na Câmara dos Deputados. Mas a ANFIP já havia convencido o governo, os ministros e os secretários quanto ao ganho de escala na unificação dos dois órgãos. Novamente a entidade entra em campo para impedir essa derrota. No dia 29/11/2005 foi encaminhado à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 6272/2005, que propunha a criação da Secretaria da Receita Federal do Brasil pela junção das duas Secretarias (SRF e SRP), a criação da Carreira Auditoria da Secretaria da Receita Federal do Brasil, (Fusão das carreiras de auditoria da Receita Federal e Auditoria-Fiscal da Previdência Social) e do cargo de Auditor Fiscal da Secretaria da Receita Federal do Brasil – AFRFB (fusão dos cargos de Auditor-Fiscal da Receita Federal, e do cargo de Auditor-Fiscal da Previdência Social). Durante a tramitação desse PL, a ANFIP empreendeu um consistente trabalho parlamentar desenvolvido com a participação

de associados de todo o Brasil para contrapor às investidas contrárias das outras entidades. Esse trabalho efetivo e de convencimento dos parlamentares culminou com a aprovação do PL, transformado na Lei nº 11.457 de 16 de março de 2007. Essa lei trouxe entre as competências dos AFRFB, em caráter privativo, a fiscalização das atividades e operações das entidades fechadas de previdência complementar, bem como das entidades e fundos dos regimes próprios de previdência social. Estava consumada a consolidação da unificação da fiscalização tributária federal: mesmo órgão, mesma carreira, mesmo cargo, mesmas atribuições e mesma remuneração.

Retornando à questão remuneratória, não obstante as melhorias conquistadas com a reestruturação trazida pela Lei nº 10.910/2004 e pela unificação das carreiras e cargos com a criação da RFB, o segundo momento seria, então a batalha para equiparação da remuneração entre ativos, aposentados e pensionistas, haja vista as gratificações instituídas ao longo das transformações já sinalizadas (GDAT, GAT, GIFA, GEFA, ect), cujos valores não eram repassados integralmente para as aposentadorias e pensões, uma afronta ao direito adquirido à paridade e integralidade. Não era uma questão das mais fáceis e mais uma vez, pelo seu prestígio alcançado até então junto ao governo e aos parlamentares, a única saída encontrada pela ANFIP seria a remuneração em parcela única – o subsídio. A matéria já havia sido discutida e aprovada em Convenção, primeiro passo para encorajar a entidade rumo ao almejado. Como carreira típica e essencial ao funcionamento do Estado, motivo para convencimento do governo e dos parlamentares, os dirigentes da ANFIP não hesitaram, arregaçaram as mangas rumo ao objetivo. Do trabalho consistente e organizado, o resultado foi a edição da MP nº 440, de 29/08/2008, que transformava em subsídio a forma de remuneração dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil e de outras carreiras. Essa MP foi convertida na Lei nº 11.890 de 24 de dezembro de 2008, um ótimo presente almejado, planejado e trabalhado pela ANFIP aos seus associados. Digo que aquele natal era a realização de um sonho para os antigos fiscais de previdência, agora Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil, elevados à categoria de carreira típica e essencial ao funcionamento do Estado. Era como se todos os componentes da categoria, ativos, aposentados e pensionistas estivessem num “céu de brigadeiro”, pois estava afastado o fantasma da redução de remuneração para aposentados com direito à paridade e integralidade e para os pensionistas. Poderiam bradar aos quatro cantos da terra: missão cumprida, ANFIP.

Mas, como em Brasília nenhum dia é igual ao outro, a ANFIP não poderia deixar de acompanhar de perto a tramitação do Projeto de Lei nº 3962, de 29/08/2008 que criava a Superintendência Nacional de Previdência Complementar – PREVIC. Durante a tramitação desse projeto o trabalho de vanguarda da ANFIP contribuiu de forma positiva para manter a competência privativa dos Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil, que sempre lhes fora atribuída, para fiscalizar as entidades fechadas de previdência complementar e seus respectivos fundos, o que foi conseguido com a sua previsão na Lei nº 12.154, de 23 de dezembro de 2009. Mais um gol de ouro, um presente de natal a mais aos associados.

Outro fato que não poderia deixar de ser evidenciado é criação da previdência complementar dos servidores públicos federais. Embora a ANFIP sempre tivesse sido contrária à privatização da previdência pública, essa matéria já fazia parte do texto constitucional desde a Emenda Constitucional nº 20/98, e de forma mais incisiva, constou na Emenda Constitucional nº 41/2003. Assim, quando o governo encaminhou o Projeto de Lei nº 1992, de 11 de setembro de 2007, a ANFIP apresentou um grande número de emendas, entre elas a que previa a criação de um benefício de sobrevivência, na hipótese de se esgotarem os recursos da conta vinculada do servidor. Por ser um projeto de alta complexidade, sua tramitação durou quase cinco anos, até se transformar na Lei nº 12.618, de 30 de abril de 2012, que autorizou a criação da Fundação de Previdência Complementar dos Servidores Públicos Federais – FUNPRESP, uma fundação para cada um dos três poderes da república: Funpresp Exe (Executivo), Funpresp Leg (Legislativo) e Funpresp Jud (Judiciário). Parte das emendas apresentadas pela ANFIP foram contempladas na referida lei, a exemplo do benefício de sobrevivência. Com a edição das Portarias Previc nº 604, de 31/10/2012 e nº 44, de 31/01/2013, entrava em vigor o regime de previdência complementar do servidor público federal - RPC. A partir de então, todos os servidores públicos detentores de cargo efetivo que tomassem posse em órgão do Executivo, passariam a ter suas aposentadorias limitadas ao teto do RGPS, ainda que não fizessem adesão à Funpresp, em razão da facultatividade prevista no art. 202 da Constituição Federal e na Lei Complementar nº 109/2001. Mesma situação ocorreria com os servidores dos demais poderes, conforme normativos próprios.

Essa situação trouxe a divisão dos servidores, em três classes: os que tinham direito à paridade e integralidade, os que se aposentariam pela média e os que

estivessem na previdência complementar, sejam os novos servidores, sejam aqueles que migrassem para o regime de previdência complementar - RPC em decorrência dessa oportunidade trazida pela respectiva lei, pois, com a migração, na aposentadoria poderiam ter direito a três benefícios: o do regime próprio, o benefício especial (média das remunerações passadas) e o do RPC. Começava assim, o início dos conflitos de interesses entre membros da categoria. Esses conflitos deram surgimento à queda do subsídio, como espécie remuneratória, voltando à remuneração ser na modalidade de vencimento básico mais bônus de eficiência, que trouxe grande prejuízo aos aposentados e pensionistas, à vista da escadinha trazida pela Lei nº 13.464, de 10 de julho de 2017. Com essa escadinha, o valor do bônus começaria em 100% no primeiro ano de aposentadoria e cairia para 15% após dez anos. A aprovação dessa lei serviu de gozo para os auditores fiscais ativos, mas também por parte dos alguns aposentados que acreditavam na aplicação imediata das tabelinhas coloridas prometidas nas assembléias realizadas pela entidade sindical. Embora a Lei nº 13.464/2017, tenha fragilizado a forma de remuneração dos auditores-fiscais, trouxe melhoria para o novo vencimento básico e criou a Carreira Tributária e Aduaneira da Receita Federal do Brasil, à qual ficaria vinculado o Cargo de Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil, cujas atividades passariam a ser essenciais ao funcionamento do Estado, por previsão expressa na lei. Era previsível o prejuízo para grande parte da categoria, tanto é que, foram duros anos de luta para se conseguir a regulamentação prevista na referida lei. Vale ressaltar que a ANFIP nunca aprovou a queda da paridade e da integralidade de remuneração para seus associados.

Por ocasião da PEC n 287 – nova reforma da previdência, a ANFIP teve papel pioneiro no combate às maldades trazidas pela proposta. Com o seu protagonismo no assunto, constituiu equipe formada por professores, economistas, advogados de diversas entidades (UFRJ, IPEA, UNICAMP, UNB, OAB, IEPREV, IBDP, entre outras) para desenvolver estudos de previdência no Brasil e no mundo, de forma a municiar entidades de servidores públicos e de trabalhadores da iniciativa privada na discussão do assunto. O trabalho foi tão consistente que contribuiu para que o texto não fosse aprovado até o final de 2018.

Em 20/02/2019, o governo encaminhou ao Congresso Nacional nova proposta de emenda constitucional - PEC 06/2019, que trazia uma ampla e catastrófica

reforma da previdência, pior do que a PEC nº 287/2016. A ANFIP, de novo não se acovardou! Arregaçou as mangas, arregimentou seus associados e se uniu a uma legião de entidades de classe de trabalhadores e servidores e com eles marchou rumo ao Congresso, num incessante trabalho parlamentar para debate da matéria em inúmeras audiências públicas que foram realizadas. Mas parece que o governo já havia preparado o terreno para “passagem da boiada”, de forma que em 21/11/2019 foi promulgada a Emenda Constitucional nº 103/2019. Mas uma coisa é certa, essa ação conjunta impediu a aprovação do regime de capitalização, nos moldes acontecidos no Chile nos anos 70, pelo menos por enquanto.

Naquele momento existia uma percepção da existência de uma agenda organizada para destruição do Estado e dos servidores públicos. Tanto é que em 03/09/2020, em plena pandemia, o governo encaminhou ao Congresso Nacional uma proposta de reforma administrativa – PEC nº 32/2020 que alterava dispositivos sobre servidores, empregados públicos e organização administrativa. Para debater o assunto, a ANFIP realizou eventos virtuais semanalmente com autoridades do governo, entidades de servidores públicos e parlamentares, de forma tal que conseguiu impedir a aprovação dessa matéria até o fim do Governo Bolsonaro.

Em 01/01/2023 iniciava mais um Governo Lula. Mas com a categoria dividida, o que esperar do novo governo? Aquelas conquistas da ANFIP ao longo dos 75 anos pareciam desmoronar pela ganância de alguns em detrimento da solidariedade e crescimento conjunto de todos. Com mais de quatro anos sem reajuste, e em decorrência da regulamentação do bônus, esses fatos não favoreciam a situação dos aposentados e pensionistas. A baixa autoestima e a desvalorização do cargo e da carreira voltam a rondar a categoria. Tanto é que, não obstante o árduo trabalho desenvolvido pela ANFIP para demonstrar a importância da carreira e da Receita Federal do Brasil, nada disso parece ecoar no governo, nos seus órgãos de negociação com o funcionalismo e no parlamento. Tanto é que foi a única categoria que não contemplada com reajuste do vencimento básico nos projetos de melhoria de remuneração encaminhados pelo governo ao Congresso Nacional. É isso que se quer para a categoria? Ainda que não, é esse o resultado da implementação do tal bônus.

A ANFIP tem lutado em conjunto com a entidade sindical para amenizar os prejuízos dos associados aposentados e pensionistas, mas essa situação depende

de convencimento do governo para derrubada do bônus escadinha (retorno da paridade e integralidade) e reajuste do vencimento básico. E assim, fica a indagação: a categoria tão poderosa ao longo dos anos teria voltado ao passado? Só o futuro dirá.

Para terminar, quero dizer que não vivi o ano de 1950, mas me sinto como se lá estivesse, por ter contribuído com o trabalho da ANFIP nas últimas décadas. Pelo que vi e vivenciei permito-me afirmar que pelo trabalho desenvolvido em defesa do Estado Brasileiro, dos seus associados, dos funcionários públicos, dos trabalhadores da iniciativa privada, da previdência pública e da seguridade social, aos 75 anos de vida gloriosa, outra entidade igual à ANFIP é difícil de encontrar. Assim, passo a “pensar com meus botões”: será que existe outra entidade de classe igual à ANFIP? Penso que não, e você?? Vida longa à ANFIP é o que eu desejo.

8º Colocado

WALTER DE CARVALHO PARENTE - CE

Codínome: **fogoso prestativo**

Tipo: **Conto**

Título: **CEIFEIRO DE SONHOS**

Cefeiro de Sonhos

Cefeiro de Sonhos

Juliano olhava impacientemente para a tia Adelaide, que começara um rosário de recomendações havia cerca de meia hora.

– Escute bem, menino! Antes de você sair de Itabuna, a sua mãe me fez prometer, pelas 5 Chagas de Cristo, que eu ia cuidar de você, que eu não ia deixar você enveredar pelos caminhos sem volta que quase todos os meninos desta comunidade são obrigados a caminhar. Portanto, não estrague esta oportunidade que a Divina Providência me ajudou a conseguir pra você!

– Tá certo, tia; mas a senhora sabe muito bem que não era esse trabalho que eu esperava encontrar aqui, no Rio de Janeiro. O que eu queria era trabalhar num hotel ou até mesmo num restaurante, onde eu pudesse fazer carreira; mas nunca de empregado doméstico.

– Não seja mal agradecido, menino! Você tem é que se preocupar é em ganhar logo algum dinheiro para poder ajudar a sua mãe na criação de seus irmãos. Depois que a coitada se separou daquele traste, que é seu pai, ela tem comido o pão que o diabo amassou. É por isso que nunca quis me casar. Os homens são todos farinha do mesmo saco. Quando espicham um olhar mavioso pra uma mulher, é porque tão querendo alguma coisa, normalmente que ela arreganhe as pernas. É difícil encontrar um homem que preste!

A parte final do sermão soou mais como um desabafo. Adelaide havia deixado de fitar o sobrinho. O olhar, de repente, se tornou vago e sem direção, parecendo mirar coisas distanciadas pelo tempo.

Juliano estava prestes a completar 19 anos. Fazia duas semanas que chegara ao Rio de Janeiro, trazido pela tia. Sentia-se encantado com a paisagem urbana vista através da janela do ônibus no momento em que adentrava a cidade maravilhosa. A Linha Vermelha, o movimento na avenida Brasil, a igreja da Penha e tudo que os olhos podiam prescrutar. Não gostou do que viu ao chegar à casa da tia. Um pequeno casebre numa viela, transitada apenas por motos e bicicletas, na comunidade da Maré.

Perto de completar 13 anos, Juliano passou a ajudar a mãe. Foi quando ela foi abandonada pelo marido, que, sem emprego certo, vivia de fazer bicos como encanador. Do pouco dinheiro que ganhava, ele destinava a maior parte a duas mulheres: a cachaça e Tonha, uma vendedora de peixe na feira livre, com quem resolveu se juntar de vez, deixando a esposa na condição de única provedora do sustento dos 5 filhos, o que veio obrigá-la a aumentar a carga de trabalho. Reconhecida como boa no ofício, clientes não lhe faltaram. Ao filho coube a tarefa de ir buscar a roupa suja e de fazer a entrega da roupa engomada numa velha bicicleta cargueira.

Foi logo no início das atividades de entregador que o menino conheceu dona Inês, uma senhora de 78 anos, viúva de um dos maiores produtores de Cacau da região. Ela havia residido em Paris por quase 30 anos. O esposo a visitava a cada dois meses. Mas veio-lhe a viuvez, e, atendendo ao clamor de seu único filho, decidiu-se por voltar de vez à terra natal. O filho era médico, mas dedicava a maior parte do tempo na administração dos negócios da família.

Dona Inês era uma das novas clientes de Neide. Sempre que Juliano chegava à sua casa, ela pedia à empregada que lhe preparasse uma merenda. Certa vez, quando ele aplacava a fome, a dona da casa conversava ao telefone em francês. Ele ficou extasiado; e, sem se conter, confessou seu encantamento à velha senhora. E, nas vezes que ali voltou, sempre pedia a ela que dissesse alguma coisa no idioma napoleônico. Três meses depois, Juliano estava recebendo, além do lanche, aulas de francês. Dois anos depois, vendo o grande progresso do jovem na língua francesa e seu grande interesse pelo fala dos que moram do outro lado do Canal da Mancha, ela se dispôs a lhe ensinar também o inglês.

Juliano tinha boa aparência. Era esbelto, de porte médio e de pele moreno-clara; o preto dos cabelos contrastava com o verde claro dos olhos; o rosto era ligeiramente quadrado, mas a boca com os lábios simétricos e o nariz afilado lhe conferiam uma aparência ligeiramente andrógina, o que lhe conferia certa candura. As jovens viviam a lhe perturbar, atraídas pelos seus encantos.

Achando que sua proficiência nos idiomas inglês e francês já dava para o gasto, Juliano passou a acalentar o sonho de vir a trabalhar numa rede de hotel internacional. Sugestão essa dada por dona Inês. Ir para Salvador passou a ser uma obsessão. Mas, temerosa, a mãe se mostrava renitente em não o deixar partir. Sofria ela só em

pensar no filho morando sozinho na capital, cujos noticiários apontavam-na com frequência como uma das mais perigosas do país. Mas a vinda de sua irmã Adelaide a Itabuna trouxe-lhe a solução para o angustiante conflito. “Foi uma providência divina!”, exclamava ela para si mesma.

– Pode ficar tranquila, minha irmã, que eu vou cuidar do Juliano como fosse meu filho. Ele será o filho que não tive – assegurou Adelaide à aflita irmã.

Adelaide conseguiu com o amigo e colega Pedro, o governante da mansão em que trabalhava havia mais de dez anos, o emprego de auxiliar de zeladoria para o sobrinho. A remuneração era de um 1,5 salário mínimo, mas tinha direito à alimentação e à moradia de segunda a sábado. Atrás da mansão, havia as instalações dos empregados, formadas por um pequeno prédio com 10 pequenos quartos e dois banheiros coletivos. Os empregados tinham, mediante um sistema de revezamento, o direito a um dia de folga na semana. “Isso é só enquanto você consegue outro emprego. Você tem boa aparência e é inteligente, não será difícil você encontrar uma ocupação melhor. O importante é que você não fique na comunidade sem ter o que fazer, sujeito a qualquer momento ser atingido por uma bala perdida. Você terminou o segundo grau, mas vai continuar estudando pra ser um doutor!”

A mansão ficava no Jardim Botânico. Ocupava uma área de 16.000 metros quadrados. Apesar da grande extensão do terreno, a casa tinha dois pavimentos. Ao seu entorno, se destacavam duas piscinas grandes, um reduzido campo de futebol e um exuberante jardim. O corpo de trabalhadores domésticos era formado por 9 pessoas, incluindo-se o motorista e os dois seguranças. Com a chegada de Juliano, o número chegou a 10.

O renomado advogado Romualdo Moreira Peixoto era o proprietário da mansão. Estava prestes a completar 70 anos. Casara-se duas vezes. Da primeira esposa, Esmeralda, que esteve a seu lado por 31 anos, divorciou-se aos 63 anos. Desse casamento, veio uma filha, Letícia. Cerca de 10 meses após o divórcio, ele voltou a se casar. Desta vez, em regime de separação total de bens, com a bela Renata, que acabara de completar 25 anos.

É invisível aos patrões o empregado doméstico valorizado apenas pelo que possa representar em termos de utilidade laboral. Naquela mansão, os trabalhadores faziam parte da mobília; de modo que, involuntariamente, tomavam conhecimento de quase toda as vicissitudes que permeavam a convivência da família patronal.

Adelaide, pelo longo tempo de mansão, seria de grande valor informativo para qualquer biógrafo que se dispusesse a escrever a história do dr. Romualdo e de sua família. Certa noite, quando ela se recolheu ao seu pequeno quarto após o término de suas atividades diárias, chamou o sobrinho para conversar e repassar-lhe, por assim dizer, algumas informações.

“O dr. Romualdo é uma cobra e a Leticia parece ter puxado a ruindade do velhaco. Nenhum dos dois prestam. A dona Renata é uma pobre coitada. É um bibelô do marido. Ele gosta de exhibir ela pros amigos. Na verdade, ela é uma vítima dele e da mãe dela, que é uma perua safada e interesseira. Ela praticamente obrigou a filha a se casar com o dr. Romualdo. Ele conheceu a dona Renata no dia em que ela apareceu no escritório dele para pedir emprego. Ela também é advogada, mas ele não deixa ela trabalhar. Ele vive a dizer que se apaixonou no momento em que botou os olhos nela. E isso parece que é verdade, porque foi, nesse tempo, que ele se separou da dona Esmeralda. Me disseram que o desgraçado ainda fez graça no momento que assinou os papéis da separação, dizendo que estava ficando mais pobre porque acabava de perder uma esmeralda. Mas a dona Renata tem culpa. Ela não era obrigada a fazer a vontade da mãe dela. A verdade é que, nas festas e nas solenidades, lá está ela, do lado dele, elegantemente vestida e com um sorriso azedo no rosto.”

A preeminência do dr. Romualdo não se devia a uma eficiente atuação na defesa convencional dos interesses de quem a contratava, mas pelo seu acesso aos gabinetes das autoridades judiciárias em que o cobre sobrepuja a honra.

Naquele mês de junho de 2022, ele andava feliz. No dia 23, um dia de quinta-feira, completaria 70 anos bem vividos. Havia ainda um grande motivo para comemoração: estava prestes a assumir a cadeira de senador da República, na condição de primeiro suplente do titular, que estava se descompatibilizando do cargo para concorrer ao governo do Estado.

Para comemorar o aniversário, o advogado resolveu dar uma grande festa na mansão. Achou melhor que fosse no sábado, e não na quinta-feira.

Juliano, na manhã do dia anterior ao da festa, cuidava das piscinas. Ao iniciar a limpeza da primeira, espantou-se ao ouvir a indagação de Leticia, quase aos gritos:

– Imbecil, esta não é hora pra se começar a limpar as piscinas?!

– Me desculpe senhora! É porque o seu Pedro mandou que eu primeiro varresse a parte do jardim em que vão ser instalados o palco e a pista de dança.

– Ô paraíba, pois vê se trata de trabalhar rápido! – Ordenou Letícia, já deitada em uma das espreguiçadeiras.

Voltando-se a se concentrar no que fazia, Juliano pensou: “Oh, criatura imbecil! A tia tá certa. Ela é uma cobra!”

Fazia 12 dias que ele ali trabalhava. Nesse tempo, viu Letícia quase todos os dias, sempre a distância. Por três vezes, ela estava tomando bando de sol na companhia de uma amiga à beira da piscina; nas outras vezes, ao sair e ao chegar a casa. Não a achou bonita, nem feia; apenas uma garota comum, como muitas que viviam a lhe espichar os olhos em Itabuna. No primeiro dia em que a viu, um pensamento lhe veio à mente: “Se ela se cassasse comigo, eu daria adeus à pobreza”. Depois de pensar um pouco, concluiu: “Se eu me meter com ela, o que eu vou conseguir é perder a desgraça deste emprego e ter de aguentar as reclamações da tia Adelaide pro resto da vida!”

O dr. Romualdo solicitou a Pedro que adotasse as providências para que todos os empregados da casa estivessem trajando as mesmas vestimentas do pessoal do buffet contratado. Providência, a ver do patrão, que viria facilitar aos convidados na identificação dos serviços.

Depois de quase um mês na mansão, em conversa com a tia antes de conciliarem o sono, Juliano disse:

– A dona Renata é muito estranha. É calada. Só frequenta a piscina para ler. Quase não fala com ninguém. Só sai de casa pra acompanhar o marido a algum lugar, ou com o motorista, pra fazer compra no shopping. Ela muito bonita, mas não dá um sorriso. Parece que vive em outro mundo.

– Meu filho, ela tá tendo o que quis ter, ou melhor, o que a mãe dela escolheu pra ela. Como você mesmo já pôde ver, a desgraçada, ao contrário da filha, está sempre por aqui, com um sorriso de boca a boca. Também pudera, a mesada que o genro dá pra ela todos meses não deve ser pouca.

Renata nunca chegou a conhecer o pai. Estudiosa, ingressou no curso de Direito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) logo na primeira vez que fez o vestibular. Até o seu casamento, a mãe vivia de um pequeno salão de beleza que possuía no subsolo de um velho edifício na rua Uruguaiana.

A noite da festa havia chegado. O velho Pedro procurava checar se tudo estava em ordem. Conversava repetidas vezes com o pessoal do buffet e com os empregados da casa. Juliano e dois colegas, à semelhança dos garçons, trajavam uma camisa social branca, gravata borboleta e colete preto, da mesma cor da calça social e do sapato de couro e de cadarço. A tarefa que cabia aos três empregados era apenas a de circular discretamente entre os convidados a fim de satisfazer com celeridade nos seus eventuais pedidos, especialmente aqueles que não estavam sendo prestados a contento pelos garçons.

Ao circular entre os grupos de convidados, Juliano punha-se a observar cada detalhe. Era como se estivesse por trás das câmeras que iluminavam aquele espetáculo encenado por uma turba de atores medíocres, cujo enredo era a hipocrisia e a falsidade. O assunto predominante era o casal anfitrião, cuja síntese, se posta na boca de um dos personagens, poderia ficar assim: “O dr. Romualdo não passa de um safado, mentiroso e exibicionista; um sujeito oportunista que acha que pode comprar o que bem quiser, como fez com a atual esposa, que tem idade para ser sua neta. Ela que é uma desmilinguida oportunista, que se mantém sempre calada por um único motivo: não dizer bobagens.” Um dos convidados se mostrou ainda mais cáustico ao afirmar que, como senador, o seu amigo Romualdo aumentaria o ciclo de amizade nos tribunais superiores e, por consequência, o portfólio de clientes e o volume de sua conta bancária.

Um fato chamou ainda mais a atenção de Juliano. Ele viu o patrão, ladeado pela esposa, sentado a uma das inúmeras mesas redondas, conversando animadamente com um casal. Apesar de a toalha branca sobre a mesa estar quase beijando a grama, ele pôde ver que o convidado procurava roçar o sapato na perna de Renata. Viu que que ela, apreensiva, procurava se esquivar, mudando a perna de lugar. De repente ela se levantou, mas o marido insistiu para que ela voltasse a sentar-se.

– Com licença, senhora! Uma convidada está passando mal no toalete e pediu que a senhora fosse até lá – Juliano falou em um tom de voz educado, mas audível a todos que estavam à mesa.

Ao levantar-se Renata olhou nos olhos do empregado e, sem abrir a boca, dirigiu-se aos banheiros próximos às piscinas e adentrou o que se destinava às mulheres. Juliano a seguiu à certa distância e pôs-se a esperá-la bem próximo à porta.

– Onde está a convidada? – indagou ela, ao sair.

– Desculpe-me, senhora. Na verdade, foi uma ideia que me veio à cabeça, para livrar a senhora daquele miserável atrevido.

Juliano viu que ela desviara o olhar para o chão.

– Você é o empregado novato, o sobrinho da Adelaide? – indagou ela, depois de voltar a encarar o empregado.

– Sim, senhora.

Ela esticou os braços e segurou as duas mãos do empregado. Sorrindo e olhando-o nos olhos, perguntou:

– Qual é o seu nome?

– Juliano.

– Muito obrigado, Juliano!

O sorriso branco, os olhos castanhos e amendoados e as palavras ternas da patroa afetaram Juliano. Ele, magnetizado, não conseguia deixar de acompanhá-la com os olhos enquanto ela se dirigia rumo ao interior da casa.

Quando analisou a patroa, em conversa com a tia, Juliano o fez através da objetividade precipitada dos olhos, que veem apenas o que é superficial. Não viu ele que o silêncio pode ser o grito dos infelizes; que aquela bela mansão, para Renata, não passava de um chiqueiro de porco em que ela era a lama fuçada. Ele também não se dispôs a saber que a única razão que a levava a beber daquele vinho azedo era apenas para dar garantir ao bem-estar da mãe.

Cerca de meia hora depois, Renata voltou a estar ao lado do marido, que mudara de mesa. Agora, ele conversava com um empresário italiano, que viera ao Rio para tratar de um processo de licitação de compra de vagões de trem, promovido pelo SuperVia. O escritório do dr. Romualdo havia sido contratado para assessorar a empresa estrangeira nos trâmites legais. Ao ver Juliano, o patrão ergueu o braço, chamando-o.

– Chame um garçom, para ver se ele entende que tipo de bebida este meu amigo está querendo.

Juliano viu que o convidado procura se comunicar mesclando o italiano com o português, o que só fazia dificultar o entendimento. Expressando-se em inglês, o jovem empregado pediu que o senhor lhe dissesse o que desejava beber. O espanto

dos patrões foi incontido. Pela primeira vez, Juliano viu o dr. Romualdo com um sorriso no rosto. Renata o olhava com profunda admiração. Vendo o impacto que causara, ele resolveu impressionar a patroa. E, no idioma francês, disse: “Como o senhor é italiano, acho que seria melhor que falássemos em francês.” Após trocarem o inglês pelo francês, o italiano foi servido com a caipirinha tão desejada.

Esse acontecimento impactou a patroa mais do que Juliana havia esperado. A felicidade dela ganhou relevo por saber que o empregado era de origem humilde, mas que, diferentemente dela, certamente sairia daquela casa voando com as próprias asas; seria bem sucedido em alguma atividade e, por certo, encontraria uma boa moça, com quem viveria um amor verdadeiro e recíproco.

Ao retornar a transitar entre as mesas, Juliano se aproximou de um grupo de jovens que conversavam e riam alto. Letícia, movida pelo álcool, era a mais falante. Ao reconhecer o empregado, gritou:

– Ô paraíba imprestável, vem cá!

Quando ele se achegou, ela ordenou, com desdém, que ele fosse atrás de um garçom que viesse servir uma rodada de champanhe a seu grupo de amigos. Exigiu que ele fosse rápido, sob pena de ser despedido. O grupo se divertia com a atitude de Letícia. Inexplicavelmente Juliano permanecia estático, fitando a jovem patroa. “Vai logo, paraíba!”, gritou um dos jovens. Ainda sob os efeitos do impacto que havia causado aos patrões, ele disse em inglês: “Antes de eu ir atrás do garçom, eu tenho de contar as pessoas, para saber o número de taças que ele terá de trazer.” Em seguida, já falando francês, quis saber se alguém tinha preferência por algum tipo de champanhe. Parecia que todos haviam sido atingidos por um gás paralisante. Apenas uma das jovens saiu do meio do grupo e foi-se pôr bem à frente do empregado.

– Caramba, este cara deve ser Apolo, o deus da beleza! – ao falar, a jovem emendou um demorado beijo na boca de Juliano, que, após se refazer daquela situação inusitada, a empurrou com força.

Ao dar meia volta para sair dali, viu que Renata, de onde estava, havia presenciado toda a cena.

Na manhã do segundo dia após a festa, ao passar perto da piscina, foi chamado por Letícia. Estranhou o seu ar glacial e a ternura posta nas palavras; e, mais ainda, o que ela lhe pediu.

– Por favor, passe este protetor em minhas costas – pediu ela, passando-lhe um tubo de creme.

– Me desculpe, mas é que tenho muito o que fazer. E se o seu Pedro...

– Deixe que, do Pedro, eu cuido. Ande, comece a fazer o que eu pedi! – disse ela, interrompendo o que ele falava, ao tempo que recostava a testa nos joelhos, expondo-lhe todo o dorso.

Renata assistira à cena da varanda de seu quarto, que ficava no pavimento superior.

Nos dias que se seguiram, a cena e a plateia se repetiram. Mas, a cada dia, Letícia se mostrava mais ousada, até que, num ato aparentemente impulsivo, ela beijou-lhe a boca.

– Não faça isso, dona Letícia!

– Eu quero você, Juliano.

– Não diga essa besteira! Se o dr. Romualdo vier saber que ando me metendo com a senhora, ele vai me mandar embora ou então fazer coisa pior. Por favor, me deixe em paz! – desabafou Juliano, ao tempo que saía apressadamente, com uma tesoura de poda à mão.

Juliano ainda pensando na atitude inconsequente de Letícia, fazia uma poda de formação numa exuberante bougainville; de modo que não percebeu a chegada de Renata.

– Você resolveu acrescentar às suas tarefas diárias o namoro com a filhinha do patrão? Tome cuidado, rapaz!

Ao ouvir aquela indagação carregada de ironia, ele se virou. Ficou sem jeito ao ver o rosto contraído da patroa.

– Eu não fiz nada, dona Renata. Ela é que deu pra me obrigar a passar aquele maldito creme nas costas dela.

– E o beijo, foi obrigado? – voltou ela a ironizar.

– Não! Foi roubado! – respondeu secamente Juliano, depois de largar a tesoura ao chão e se aproximar acentuadamente da interlocutora. Após fitar os olhos dela por um instante, puxou-lhe a cabeça com as duas mãos e beijou-lhe a boca.

O corpo paralisado pelo cérebro adormecido diante de tamanha ousadia, Renata se deixou ser governada pela desejosa e carente alma, de modo que não opôs

resistência ao beijo. Inconscientemente, permitiu-se saborear aquele sabor agridoce de fruta ainda em maturação. De repente o cérebro voltou ao comando, tangendo alma para sua secreta caverna. Juliano sentiu na face o forte impacto da mão espalmada da patroa.

A folhagem abundante dos galhos da bougainville serviu de anteparo aos olhos de um eventual transeunte da casa que, por ventura, estivesse nas imediações da cena.

– Me respeite, seu cretino! Pegue suas coisas e dê o fora de minha casa! – ordenou ela, afastando-se a passo apressado.

Juliano dirigiu-se ao quarto, que dividia com a tia. Pegou uma bolsa e pôs-se a colocar a roupa. Estava aflito. Sofria com a estupidez que acabara de cometer. Dava razão à patroa. Realmente ele havia sido um cretino. Um cretino igualzinho ao safado do convidado que a havia molestado na festa.

– Me perdoe, Juliano!

Ao voltar-se para a porta, viu Renata parada na soleira. O castanho dos olhos amendoados cedera lugar ao vermelho. Havia, no seu rosto quase angelical, vestígios de lágrimas escorridas.

– Eu é que devo pedir perdão à senhora.

– Por favor, não me chame de senhora. Me chame apenas de Renata.

– Mas ninguém desta casa vai entender se me virem tratando a senhora de você.

– Depois do que aconteceu, você vai ter que sair desta casa. Eu vou pedir a uma amiga, que é muito influente, que consiga um emprego em algum lugar pra você.

– Não precisa se preocupar, dona Renata. Eu já tenho onde trabalhar. Logo que cheguei ao Rio, recebi uma carta da dona Inês. Ela é uma boa senhora lá de Itabuna. Foi ela que me ensinou a falar o inglês e o francês. Ela me disse que o filho, a pedido dela, conseguiu um emprego pra mim aqui no Rio, na avenida Rio Branco, perto da Presidente Vargas, no escritório de uma empresa de exportação de açúcar e melaço. Eu não sei o valor do salário, por que não cheguei a ir até lá, mas deve ser maior do que eu ganho aqui.

– E por que você ainda foi assumir esse emprego?

– Porque não quis sair de perto da senhora, quero dizer, de você. Eu me apaixonei por você logo nos primeiros dias que cheguei aqui.

Renata não se sentiu à vontade ao ouvir aquela inesperada declaração. Dois argumentos saíram quase de forma automática de sua boca:

– Mas eu sou casada. E não se esqueça que soa bem mais velha que você, que ainda é um menino. Quantos anos você tem?

– 20! E não sou mais menino! – respondeu secamente Juliano.

– Pois eu tenho 12 anos a mais que você.

Juliano chegou bem perto de Renata e segurou-lhe a mão, fazendo que saísse da soleira e ingressasse no quarto. Voltou a lhe beijar demoradamente. Desta vez, ao separarem os lábios, não lhe veio, em retribuição, a mão espalmada da patroa; o que lhe veio foi mais um demorado beijo.

Para que um longo caminho venha ser percorrido até o final, será necessário que se deixe para trás o baú das cosas pesadas e que se leve apenas o que é leve. Depois de uma semana de conversa, Juliano e Renata julgaram encontrar o que seria o melhor caminho a trilhar. Ele assumiria o emprego na empresa de exportação e, de imediato, procuraria um pequeno apartamento, que seria comprado e montado com a pequena reserva financeira que ela conseguira fazer. Depois disso, ela pediria o divórcio e, naquele mesmo instante, deixaria a mansão, e passariam a morar juntos. Ela prometeu ao inseguro Juliano que, daquela vez, não cederia à vontade da mãe.

“A jovem advogada Roberta Nunes Peixoto, de 32 anos, foi assassinada na manhã desta terça-feira pelo marido e senador da República, Romualdo Pereira Peixoto, de 70 anos. Foram dois tiros de revólver dados nas costas da vítima, no quarto do casal na mansão onde moravam. Ele, que também é advogado, assumiu a autoria do crime e...”

Foi essa a principal notícia veiculada pelos meios comunicação do país na manhã da primeira terça-feira de setembro de 2022.

9º Colocado

PAULO MARCELO SOARES DA SILVA - PR

Codiname: **banana independente**

Tipo: **Conto**

Título: **ROSA E A DESPEDIDA**

ROSA E A DESPEDIDA

Ali, em silêncio, a cadeira de balanço. De vime e velha. Vazia, coberta de poeira. Na sala. Poeira, muita poeira. Pó até na lembrança ferida e amarga.

O vento dolorido entrou pela réstia da porta da sala e mexeu de leve na cadeira de balanço que fez trec, trec, trec...

As cortinas balançaram.

Rosa continuou observando. Uma dor pesada no peito. Andou de um lado a outro. Tropeçou numa almofada que estava jogada no chão. Apanhou a almofada e colocou sobre a mesa. Saiu da sala e entrou no corredor dos quartos. Tudo cheirando a mofo. As cortinas, os quadros nas paredes, os lençóis cobrindo as camas... Depois foi até a cozinha, abriu a porta e contemplou o espaçoso quintal. Tempos felizes.

Fechou a porta da cozinha e voltou para a sala.

Mãe não estava mais ali, com aquele olhar macio, meigo, com a voz bonita, a trançar as linhas no bordado colorido, enfeitado de florzinhas, casas pequeninas, anões, frutas, flautas... O radinho ao lado. A música. Não, não, mãe não estava mais ali. Não havia mais ninguém, não havia mais nada naquele lugar. Só a lembrança. O passado tinha ido embora, para sempre.

Silêncio.

Olhou o porta-retratos sobre a mesinha de telefone. Vazio. Não tinha foto. O telefone também não existia mais. Fora vendido.

Ela, o pai e a mãe. A imaginação crescendo. Eles passeavam por um jardim lindo. Colorido. Igual aos bordados grandemente bordados pela mãe. Um local cheio de plantas e flores maravilhosas. O sol a reinar sobre as montanhas, divertindo-se com seus raios pelos vales, refletindo-se nos rios e ribeirões, nas pequenas fontes, esparramando-se pelas plantações... onde?...

Isto não se lembrava. Foram tantos os passeios. Via apenas as imagens meio apagadas daquele lugar bonito e agradável. Pai carregando as varas de pescar e mãe levando a cesta com alimentos.

Aos finais de semana, normalmente faziam coisas desse tipo. Saíam da cidade e iam para algum canto do interior do município, algum sítio ou

fazenda, para pescarias ou piqueniques. Pai gostava muito de pescar. Mãe gostava de piqueniques. Fora um tempo bom. Eram felizes. Dividiam o espaço da casa, do quintal, da vida, com muita graça, com muita ternura, com muita simplicidade, alegria, e, sobretudo, com muito calor.

Uma vida comum. Pai trabalhava no escritório de uma grande fábrica. Saía cedinho e voltava apenas à noite. Vinha sempre disposto. Colocava o carro na garagem e corria para dentro de casa. Subia a escada assoviando. Na sala, abraçava-a, abraçava também a mãe. Eram uma família feliz de classe média. Havia beijos... sorrisos... elogios... diálogos... e também muita luta para viver. O pequeno grupo fazia o pequeno lanche da noite e, depois, pai sentava-se na sala e ia ler alguma revista ou jornal. Às vezes ligava a televisão. Mas não gostava muito das notícias, dizia que elas só traziam informações ruins e, de ruim, completava, já bastava a vida. Mãe, que também trabalhava parte do dia fora, como professora, arrumava as coisas na cozinha. Enquanto mexia nas tralhas, nos pratos, nas tigelas, nos talheres, cantarolava baixinho alguma música da época. Depois que terminava o trabalho, ia para a cadeira de balanço – herança da avó – e vaivém, vaivém – trec, trec, trec... - cuidava com carinho dos bordados.

Aqueles ruídos caseiros agradavam os ouvidos de todos.

Silêncio.

Muitas vezes, a imitar mãe, Rosa, quando estava sozinha em casa, sentava-se na cadeira e coloria bordados na imaginação. Fabricava peças deslumbrantes. Coisas maravilhosas de se ver. Mundos inexistentes e maravilhosos. E, com isto, a menina inventava, criava histórias que só existiam em sua cabeça.

Tudo isso tivera o seu tempo e fora bastante importante, engraçado e gostoso.

Naquela casa, naquele quintal, naquela cadeira, naquela sala, naquele espaço ela brincou fartas vezes de muitas coisas, sozinha ou com a mãe e com o pai. Eles se divertiam com pouco. Tudo era motivo para um viver agradável e salutar. Gargalhadas, folguedos, sorrisos, mas também, às vezes, choros. Aquilo tudo gravado em cada centímetro daquela residência, daquele chão.

Agora, porém, a casa vazia e só. Desgastada pelo tempo.

Poeira.

Saudade.

Aos domingos, quando não saíam para a roça, iam à igreja do bairro, ali pertinho. Depois, almoçavam em algum restaurante e passeavam pelos parques da cidade. Um parque mais bonito do que o outro. Divertiam-se como crianças, comendo pipocas, algodão doce e tomando refrigerantes.

Assim foram muitos anos, muitos anos...

Mas o tempo passa e o tempo passou. Aquela vida ficou lá longe. Bem lá trás. Perdida no horizonte da memória. Os pais faleceram num desastre. Rosa, agora, já uma senhora, com família constituída, com profissão, com marido e filhos, tinha seus cuidados e afazeres. Morava em outro ponto da cidade. A velha casa, porém, estava vazia, sem ninguém... quase que completamente esquecida. Sobrava apenas um gosto amargo a reinar sobre todos os antigos móveis e objetos que, inclusive, já estavam vendidos.

Sombras?

Sim, sombras por todos os lados.

Rosa passou as mãos na face. Mexeu na cortina empoeirada. Estava difícil. Uma lágrima queria escapar. Tudo perdido? Não, não devia e nem podia chorar. Apesar da dor, não podia. Só tinha boas recordações daquele lugar, daquele tempo, dos momentos que vivera por ali, correndo e brincando na rua, nos cômodos, no espaçoso quintal...

Olhou para os móveis da sala, todos cobertos e protegidos por velhos e mofados lençóis, foi novamente à cozinha, retornou aos quartos... Observou bem, tudo estava no lugar... como antigamente. Os quadros nas paredes, a velha saboneteira amarela, o jarro trincado, as cortinas amareladas...

A moça deu uma última olhada em volta. Estavam para vender o imóvel. Precisavam vender. Já era tempo. Não podiam permanecer com ele. Devagar aproximou-se da porta da sala (Onde o pai? Onde a mãe? Onde a felicidade do antigo lar?...). Não adiantava mais ficar ali, remexendo o passado, ferindo a alma... Tudo passa na vida...

Muita poeira.

Nos olhos.

...

Rosa saiu e fechou a porta da sala.

O vento ficou mais forte. Balançou as árvores da rua. As folhas levantaram-se. Um redemoinho formou-se.

Quando ela estava perto do portão, ouviu um pequeno ruído dentro da casa. Um barulhinho antigo e muito conhecido: trec... trec... trec... Virou-se e olhou. Nada. Não havia nada de diferente. A casa estava completamente fechada. Teria sido apenas uma impressão sua? Abaixou devagar a cabeça. Os olhos a coçar, marejados de lágrimas, feriam... um sentimento esquisito no coração.

Rosa saiu para a calçada, fechou o portão, colocou a corrente, o cadeado e mudou o passo devagarzinho. Alguma coisa a segurava. Não queria ir embora. Não queria se despedir. A vontade mesmo era de ficar ali, para sempre. Encostou-se no muro e...

Outra vez o pequenino ruído da velha cadeira de balanço:

- Trec... trec... trec...

10º Colocado

SHIRLEY BENTO DE SOUSA - RJ

Codiname: **açucarado preparado**

Tipo: **História**

Título: **LIGAÇÕES**

TÍTULO: LIGAÇÕES

PRIORIDADES:

Há um mistério que envolve chegar aos 60 anos...

É difícil compreender porque demorei tanto a me conectar comigo mesmo!

MÚSICA

Amo músicas!

Passei a gostar mais do que sempre gostei

Ouvir músicas! Sim, ouvir músicas que gosto!

Ouvir músicas que eu gosto, é se permitir não ficar só!

Ao contrário, fico muito bem acompanhada!

Meu coração sorri, me vejo sorrir!

O corpo baila, pensamentos se aquietam.

Ouvir música que gosto é permitir conhecer,

Que o amor habita em mim!

INSENSO:

Ah! Se acendo um incenso de lavanda massala...

Minha alma se reconhece em mim!

O suave cheiro cintila pelo ar, uma leve brisa se espalha;

O perfume da lavanda mexe com sensações;

O perfume da lavanda mexe com emoções;

A pura quietude de sentir paz!

Minha alma se reconhece em mim!

VISÃO

Percebo que meu olhar repousa em coisas mais simples

A visão embora mais turva, revela belezas de cores, lugares e plantas,

Me sinto em posse de um olhar mais pleno!

Sinto que ligo mais para mim!

Me sinto conectada em mim!

Há um mistério que envolve chegar ao 60!

Sinto que passei a valorizar coisas e acontecimentos que antes, não enxergava ou não eram prioridades. Aliás fui verificar o significado linguístico da palavra prioridade no dicionário e achei bem curioso e surpreendente:

Segundo o dicionário, prioridade é um substantivo feminino que tem dois sentidos:

- 1- Condição do que é o primeiro em tempo, ordem, dignidade.
- 2- Possibilidade legal de passar a frente dos outros, preferência, primazia. (“idosos, deficientes físicos e gestantes tem prioridade no atendimento”)

A palavra Prioridade em alguns países:

FRANÇA: Priorité

INGLATERRA: priority

ESPANHA: prioridad

ALEMANHA: prioritat

ITALIA: priorità

LATIM: prioritas

Originada do LATIM: prior (anterior), a palavra prioridade faz referência a anterioridade de algo relativamente a outra coisa, seja em termo de tempo ou ordem.

Observamos então que a palavra prioridade originada do latim, manteve a raiz de sua estrutura em outros idiomas, a exemplo dos países citados.

Mas com estas considerações escrevo pra mim, e registro acontecimentos marcantes em minha história.

Linguagens digitais

Comecei a trabalhar na fiscalização de empresas, aos 24 anos e tinha a perfeita dimensão da responsabilidade que estava abraçando, e o meu trabalho passou a ser a prioridade em minha vida.

Aos vinte e oito anos tive minha filha, e depois aos 30 anos veio meu segundo filho. E meus filhos, minha família passaram a ser prioridades em minha vida. Aprendi a dosar minhas importantes prioridades, junto com o trabalho na auditoria que já era também prioridade.

Uma coisa que me impacta: a constatação de que mesmo tendo trabalhado por longas datas utilizando PC, notebooks, e as ferramentas digitais pertinentes, parece que no que se refere a linguagens digitais estamos sempre em evolução, até porque as invenções da tecnologia não param. Porém no meu contexto pessoal, eu tinha orgulho de fazer parte da geração que se inaugurou como usuário do mundo digital, começamos a usar o computador quando a tela ainda era verde, e não existia o Windows. utilizávamos o DOS, e para isto precisava entender alguns comandos do teclado, e até o temido `format C:`, que apagava todos os arquivos. Inauguramos a utilização do Windows 93, 95, 98, XP. Junto com alguns colegas fazíamos cursos para aprender utilizar as ferramentas do “OFICCE”, tais como, Excel, e Word, que passaram a ser nossas ferramentas de trabalho. E assim aposentamos o caderno de anotações, que foi substituído pelo notebook. Como diz o trecho de uma música; “o novo sempre vêm”.

Celular

Embora o celular, tenha sido criado em 1973, muito caro e pesado inicialmente, o aparelho só chegou mesmo para uso em solos brasileiros em 1990; e mesmo assim, com valores inacessíveis para a maioria das pessoas. Para adquirir este objeto (de desejo), teria que desembolsar na época, o equivalente a R\$ 15.000,00.

Não sei quando adquiri meu primeiro celular, meus filhos eram pequenos.

Meu segundo filho, nasceu em agosto de 1991, ele devia ter alguns meses, e ficava em casa com a querida e saudosa babá dele, quando aconteceu...

Naquela época, tínhamos mania, tais como hoje em dia, de fazer muitas fotos dos filhos. Usávamos câmeras para tirar as fotos. Os rolos das câmeras vinham dentro de uns tubinhos preto de plástico, e os filmes eram retirados dos potes e colocados em seguida dentro da câmera para que não danificassem.

Dona Maria foi trabalhar lá em casa e meu filho ainda tinha meses, nesta época ficou morando conosco, uma sobrinha para acompanhar dona Maria.

Meu trabalho exigia auditoria externa em vários locais, de maneira que eu sempre estava em endereços diferentes.

Neste dia, (do acontecimento), voltei do almoço, e me dirigi ao contador que só retornava do almoço as 14hs, e eu já tinha trabalhado na parte da manhã e queria adiantar o trabalho.

Entrei no espaço onde estava analisando os documentos, porém, quando abri um livro para reiniciar a auditoria, comecei a sentir uma sensação estranha, era como se algo invisível fechasse o livro; comecei a sentir um mal-estar nas costas, minha mão começou a tremer, e do nada comecei a pensar na minha casa, eu tentava me concentrar, mas não estava tendo êxito, sentia uma má vontade de olhar aqueles livros e documentos, meu pensamento fugia o tempo todo para minha casa. Comecei a me questionar: o que era aquilo? Não era possível? Eu tinha acabado de voltar do almoço. sabia que estava bem, mas não conseguia; fui ficando chateada com aquela indisposição; afinal de contas eu tinha chegado cedo naquele escritório para trabalhar, e fiquei a manhã inteira, estava empolgada com o trabalho, queria terminar logo. Mas simplesmente não conseguia, pra mim aquele sentimento não podia está acontecendo, mas estava! Esta que era a verdade, estava acontecendo! Assim, no auge daquela luta pessoal, resolvi ceder, estava na hora de sair, de obedecer ao que o corpo (ou o espírito), sexto sentido, sei lá, estava me pedindo naquele momento.

Chamei o contador, agradei, e informei que retornaria no dia seguinte.

Eu trabalhava e morava em Niterói na época, e logo quando descii do prédio, onde era o escritório do contador, fui em direção a sede de meu trabalho, que era pertinho, com a intenção de ligar para casa. Mas quando passei em frente ao local, segui direto, e fui mesmo para casa. Não tive coragem de entrar, estava aflita, só pensava na minha casa.

Peguei o carro e fui direto para casa, o relógio marcava mais ou menos 14:30 quando entrei na garagem.

Chegando em casa, aquele cheiro de almoço bom já guardado, tudo limpo, tudo no lugar, tudo cheiroso, tudo normal. Sempre que eu chegava em casa, meu filho corria para meu colo, vinha mamar, buscar o afeto da mamãe dele. Ainda estava brincando com ele, quando resolvi perguntar a dona Maria, se estava tudo bem. E a resposta do que me ocorreu antes de eu chegar em casa, veio logo a seguir. Diante da pergunta, dona Maria corou, ficou muito vermelha, daí a sobrinha interveio e comentou que meu filho quase morreu, que se engasgou com algo que elas não sabiam o quê, e que chegou a desmaiar,

quando esta garota de só 14 anos apenas, pegou o menino pelos pés e de cabeça para baixo, bateu nas costinhas dele que cuspiu longe a tampinha do potinho plástico de filme. Nunca entendi este episódio e tantos outros semelhantes em minha vida, mas sei que tinha, e teve a mão invisível do espírito santo, de Deus.

E afirmo com toda certeza, que antes mesmo de existir os computadores, telefones sem fios, celulares; já existiam as ligações sem fios, as misteriosas ligações que conectam pessoas, as ligações dos corações!!!

Gratidão sempre!

